


unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

SHIRLEI SILVA MOREIRA DE CARVALHO

SEXUALIDADE DAS PESSOAS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA
(TEA): uma pesquisa documental de material audiovisual



ARARAQUARA – SP

2024

SHIRLEI SILVA MOREIRA DE CARVALHO

**SEXUALIDADE DAS PESSOAS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA):**
uma pesquisa documental de material audiovisual

Dissertação defendida como requisito para obtenção do título de mestre no Programa de Pós-Graduação de Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras-Unesp/Araraquara.

Linha de Pesquisa: Sexualidade e educação sexual: interface com a história, a cultura e a sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Josiane Cristina Bocchi

Co-orientadora: Profa. Dra. Ana Carla Vieira Ottoni

ARARAQUARA – SP
2024

C331s

CARVALHO, SHIRLEI SILVA MOREIRA DE
SEXUALIDADE DAS PESSOAS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA (TEA) : uma pesquisa documental de material
audiovisual / SHIRLEI SILVA MOREIRA DE CARVALHO. --
Araraquara, 2024
56 p.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientadora: Josiane Cristina Bocchi

1. Desenvolvimento sexual. 2. Educação sexual. 3. Sexualidade. 4.
Transtorno autístico. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Universidade
Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo
autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

SHIRLEI SILVA MOREIRA DE CARVALHO

**SEXUALIDADE DAS PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA (TEA): uma pesquisa documental de material audiovisual**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Sexualidade e educação sexual: interface com a história, a cultura e a sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Josiane Cristina Bocchi

Co-orientadora: Profa. Dra. Ana Carla Vieira Ottoni

Data da defesa: 28/02/2024

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Profa. Dra. Josiane Cristina Bocchi
Departamento de Psicologia/ UNESP - Faculdade de Ciências de Bauru

Membro Titular: Profa. Dra. Patrícia Porchat Pereira da Silva Knudsen
Departamento de Psicologia/ UNESP - Faculdade de Ciências de Bauru

Membro Titular: Profa. Dra. Marcela Pastana
Departamento de Psicologia/Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Para todas as pessoas autistas que passaram pela minha vida e me permitiu ver o mundo sob outra perspectiva. Obrigada.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual, docentes e servidores que possibilitaram o desenvolvimento de todo o trabalho e a construção de conhecimentos generosamente compartilhados, meus agradecimentos.

O meu agradecimento especial à Professora Doutora Josiane Cristina Bocchi e Professora Doutora Ana Vieira Ottoni pelas suas orientações, apoio, disponibilidade e partilha de conhecimentos. Obrigada pelo empenho e motivação constantes ao longo deste percurso. Sem o apoio de vocês não seria possível a conclusão deste trabalho.

Um enorme agradecimento à minha mãe, que me apoiou e me incentivou em todo o processo de carreira acadêmica, por me dar força e motivação para nunca desistir. Obrigada por ter acreditado em mim e por ter feito o possível e o impossível para eu seguir os meus sonhos.

Ao meu filho, obrigada por todos os momentos de alegria e descontração. Seu apoio e incentivo foram de grande valia. Um grande obrigado por todo o carinho.

A minha filha um agradecimento especial por trazer luz e sentido a minha vida. E despertar em mim o desejo de ser melhor.

Ao meu namorado que esteve presente e foi imprescindível em todo o processo. Obrigada por todas as palavras de apoio, pelo carinho, amor e paciência.

À Deus, o meu agradecimento infindável, por me sustentar nos momentos mais difíceis dessa jornada chamada vida, por nunca me faltar e me sustentar em todas horas.

“Eu não sou livre enquanto alguma mulher não for, mesmo quando as correntes dela forem
muito diferentes das minhas”.
(Audre Lorde, c2024)

RESUMO

Os adolescentes e adultos com TEA enfrentam problemas na vivência de suas sexualidades. A educação sexual com tal população costuma ser negligenciada, pois eles são vistos pelos cuidadores como eternas crianças. De fato, a comunicação social e as relações interpessoais são fonte de grandes desafios para a pessoa no espectro autista, tanto na escola como no trabalho e na tentativa de existir emocionalmente na relação com o/a outro/a. Esta pesquisa objetiva analisar características e demandas de adultos autistas sobre a sua sexualidade, por meio da análise e discussão do relato de pessoas que estão no espectro autista. A investigação relaciona dados documentais e literatura científica sob a ótica da inclusão social e educação sexual emancipatória. Através do uso do método de Análise de Conteúdos e tratamento de dados por categorização apriorística, proposto por Bardin, espera-se identificar como as relações interpessoais e a sexualidade das pessoas autistas são relatadas e significadas por elas mesmas. Para dar voz a esses sujeitos, foram utilizados relatos extraídos dos documentários Amor no Espectro (2019. Austrália), Amor no Espectro (2021. Austrália) e Amor no Espectro (2022. Estados Unidos). Buscou-se delimitar e discutir o modo como as relações interpessoais e as práticas sexuais são narradas por eles, para compreender aspectos específicos da vivência da sexualidade dentro do espectro. O aumento deste transtorno na população infantil e o efeito de “inflação” do diagnóstico de TEA terão um impacto epidemiológico nas futuras populações clínicas de crianças, adolescentes e adultos, os quais apresentarão à área “psi” novas demandas sociais e subjetivas que vão além da concepção médica e do treino de habilidades sociais e da inserção nas tarefas diárias.

Palavras – chave: Desenvolvimento sexual; Educação sexual; Sexualidade; Transtorno autístico

ABSTRACT

Teenagers and adults with ASD face problems in living their sexualities. Sexual education with this population is often neglected, as they are seen by caregivers as eternal children. In fact, social communication and interpersonal relationships are a source of great challenges for people on the autistic spectrum, both at school and at work, and the effort to exist emotionally in relationships with others. This research aims to analyze characteristics and demands of autistic adults regarding their sexuality, through the analysis and discussion of the reports of people who are on the autism spectrum. The research relates documentary data and scientific literature from the perspective of social inclusion and emancipatory sexual education. By the use of the Content Analysis method and data processing through a priori categorization, proposed by Bardin, it is expected to identify how the interpersonal relationships and sexuality of people with ASD are reported and given meaning by themselves. In order to stand up for these people, were used reports extracted from the documentaries Love on the Spectrum (2019. Australia), Love on the Spectrum (2021. Australia) and Love on the Spectrum (2022. United States). It was intended to delimit and discuss the way in which interpersonal relationships and sexual practices are narrated by them, to understand specific aspects of the experience of sexuality within the spectrum. The increase in this disorder in the child population and the “inflation” effect of the ASD diagnosis will have an epidemiological impact on future clinical populations of children, teenagers and adults, which will present the “psi” area with new social and subjective demands that go beyond the medical conception and social skills training and integration into daily tasks.

Keywords: Sexual development; Sexual education; Sexuality; Autistic disorder

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA	Associação Americana de Psiquiatria
CDC	Center for Disease Control and Prevention
CID	Classificação Internacional de Doenças
DSM	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LGBTQIAP+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binários
PEA	Perturbação do Espectro Autista
TEA	Transtorno do Espectro Autista
TID	Transtornos Invasivos do Desenvolvimento

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
1 INTRODUÇÃO	11
1.1 A Relação entre Autismo e Diagnóstico	12
1.2 Educação Sexual das pessoas com autismo	16
1.3 O papel da família e da escola na Educação Sexual dos autistas	20
2 JUSTIFICATIVA	24
3 OBJETIVOS	26
3.1 Geral	26
3.2 Específicos	26
4 MÉTODO	27
4.1 Natureza da Pesquisa	27
4.2 Procedimentos de coleta e análise de dados	27
5 RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS	30
5.1 Categoria 1: Concepções sobre a sexualidade de pessoas autistas	30
5.2 Categoria 2: Questões de sociabilidade e habilidades sociais	31
5.3 Categoria 3: Vivências de comportamentos e/ou relações e/ou desejos sexuais/amorosos	32
5.4 Categoria 4: Vitimização de pessoas autistas com relação a comportamentos de risco ou violências	35
5.5 Categoria 5: experiências ou ausência de educação sexual e oportunidades de diálogo sobre sexualidade	36
5.6 Categoria 6: Aspectos do autismo que influenciam a vivência de sexualidade	38
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICES	46
APÊNDICE 1: Quadro com transcrição dos trechos selecionados do documentário	47
APÊNDICE 2: Quadro com referências bibliográficas selecionadas para este estudo	53

APRESENTAÇÃO

Antes dos tópicos formais deste trabalho, gostaria de descrever brevemente minha trajetória até aqui, a fim de contextualizar a leitura e o ponto de vista que balizaram sua produção. A Psicologia não foi minha primeira escolha, tive outras opções até entender, a partir da fala do meu filho mais velho (que na época estava com 12 anos, mas possuía uma maturidade que não correspondia à idade cronológica) que deveria escolher esta carreira. Foram cinco anos de formação muito intensos: estágios, congressos, iniciações científicas e publicações. Ao finalizar, já tinha decidido a abordagem na qual iria atuar, então iniciei dois cursos de extensão oferecidos pela Instituição em que eu me formei. O primeiro, na área clínica - psicoterapia com enfoque psicanalítico - e o segundo em neuropsicologia, concomitantemente à especialização em psicopedagogia, seguida, um ano depois, pela neuropsicologia.

Durante a atuação profissional como psicóloga clínica, me deparei com pacientes autistas de todas as idades, os quais compuseram o desafio de desenvolver o trabalho cotidiano em interação com o campo teórico e metodológico que descobri no caminho. Para realizar os atendimentos com as crianças, por exemplo, foi necessária dedicação na leitura dos livros do Gilberto Safra, autor com vasta experiência na área, o qual apresenta casos clínicos à luz da abordagem psicanalítica. Com os atendimentos aos adolescentes e adultos, as temáticas e queixas eram diversas, trazendo aspectos como a sexualidade, tais quais: a descoberta da masturbação (muitas vezes sem compreensão da noção público-privado); desorganização com as mudanças de seus corpos, acompanhada de sentimentos como medo, angústia e satisfação.

Também identifiquei, neste contexto, que os pais e cuidadores tinham muitas dúvidas de como proceder com seus filhos perante tais demandas, e responder a essas questões, que em muitas ocasiões os deixavam constrangidos. Eles, muitas vezes, solicitaram ajuda à equipe multiprofissional, e esta ocasião demonstrou que nem mesmo os profissionais estavam preparados para dialogar sobre a sexualidade. As observações destes fenômenos na clínica me instigaram a aprofundar a investigação, justamente no momento em que um colega me enviou o edital de Pós-graduação em Educação Sexual da UNESP. Deparei-me com a possibilidade de tornar esta indagação um objeto de pesquisa, uma oportunidade para descobrir, por diversos ângulos, as questões da sexualidade e seu impacto na vida de pessoas autistas.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta dados subsidiados do relato de pessoas com autismo retirados da série documental “Amor no Espectro” e, com isto, procura demonstrar, a partir da voz desses sujeitos, que a observância do aspecto afetivo e sexual é imprescindível para a estruturação de modalidades de intervenção com adolescentes e adultos do espectro autista. Para discorrer sobre este tópico, é necessário também analisar o que diz a literatura científica sobre conceitos como autismo, sexualidade, aspectos familiares e questões diagnósticas, o que será brevemente apresentado nas seções teóricas do trabalho.

As pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA)¹ possuem, assim como todas as outras, a sexualidade enquanto parte integrante essencial de seu desenvolvimento humano. É importante compreender que o espectro abrange características muito diversas, o que torna o repertório de pessoas autistas imensamente amplo, próprio e único. Assim, em sua singularidade, têm necessidades de identificar e expressar seu desenvolvimento sexual e seus sentimentos, como acessar direitos humanos básicos, informações, privacidade e proteção (Brasil, 2015; Ottoni, 2022).

A sexualidade é um conceito complexo que abrange vários fatores que são: prazer, reprodução, amizade, amor, afeto, orientação sexual, práticas sexuais e gênero. Então entende-se que somos seres sexuais, pois a sexualidade está presente desde o início da vida até o final dela. Ao longo da vida constrói-se por meio da experiência o sentido da sexualidade, que é influenciada por padrões culturais e históricos em um processo interpessoal que é conhecido como socialização (Maia, 2010).

Segundo Gomes (2014), a palavra autismo vem do grego “auto”, que significa “si mesmo”, ou seja, alguém que está retraído em uma condição crônica e permanente. Os estudos, iniciados nestes termos na década de 1940, foram ampliados e desenvolvidos em diversos aspectos: houve momentos de uma cruel e inverdadeira culpabilização materna; classificações diagnósticas fragmentadas em diversos subtipos e nomenclaturas diferentes; pseudociências com afirmações plenamente absurdas, e investimentos nas ciências para o desenvolvimento de intervenções nas mais diversas áreas (Solomon, 2013).

Dentre os muitos avanços conquistados pelos profissionais, estudiosos, familiares e

¹Adota-se o TEA, posto que é a terminologia corrente no campo do diagnóstico médico e psicológico, apoiada nos modelos oficiais de classificação, como DSM-5-TR (2023) e a CID-11 (2022), mas pode-se também referir como “pessoas com autismo”, “pessoas autistas” ou somente “autistas”, conforme descrito pelos diversos movimentos sociais, em especial aqueles cujas lideranças são compostas por pessoas com a condição.

peças autistas, ao longo desta história, destacam-se o potencial das intervenções e oportunidades inclusivas para o desenvolvimento psicossocial desses sujeitos. Saímos da concepção de “auto”, no qual prevalecia uma percepção de que os sujeitos seriam aversivos às interações sociais, para a compreensão de que tendo sido incluído, tendo seus direitos médicos e de cidadãos garantidos, os estados aflitivos relativos ao contato social podem tornar-se menos desafiadores - assim como em outros aspectos como educacionais, laborais e sexuais.

É importante reconhecer que a sexualidade corresponde, dentre outros fatores, a uma dimensão fisiológica, social, psicológica, cultural, histórica e moral, a qual existe em todos os indivíduos, não podendo ser, portanto, destituída das pessoas com TEA. É possível que essas pessoas encontrem desafios e questões em comum entre si, considerando as características do espectro - o que, complexamente, também pode fazer parte da vida de pessoas com desenvolvimento típico. De acordo com os manuais diagnósticos mais recentes (DSM-5-TR e CID 11), o Transtorno do Espectro Autista é uma condição de neurodesenvolvimento que impacta, de modo heterogêneo, áreas como linguagem, cognição e comunicação social. Como frequente desdobramento, observa-se um efeito de infantilização da pessoa autista, bem como dificuldades em termos de socialização, percebidas pelos familiares e profissionais, como imaturidade e ingenuidade, o que acentua a dificuldade em lidar com assuntos acerca da sexualidade, causando uma resistência social em se aceitar que a pessoa autista seja possuidora de direitos em relação aos seus desejos e manifestações sexuais (Almeida, 2017).

Este trabalho procurou revisar as pesquisas já existentes sobre autismo e sexualidade, e como podem ser elaboradas propostas de intervenção na perspectiva de inclusão social e da educação sexual emancipatória que abrangem discussões sobre sexualidade nas experiências de pessoas autistas. Como os relatos apresentados na série “ Amor no Espectro” disponível na plataforma de streaming Netflix, com pessoas adultas autistas que estão em busca de relacionamentos contribuem como exemplos para essas discussões.

1.1 A Relação entre Autismo e Diagnóstico

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurodesenvolvimental e, portanto, presente durante toda a vida - e tem impactos principalmente em duas áreas: comunicação social e comportamento, sobretudo no comportamento motor e/ou presença de interesses restritos, repetitivos e rígidos. Pode haver, ainda, atipicidade nos aspectos sensoriais, déficits cognitivos, atencionais, alimentares e de sono (American Psychiatric Association, 2023). Há poucas informações epidemiológicas seguras sobre o fenômeno do autismo no

Brasil. Em 2010, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estimava 2 milhões de pessoas com TEA.

As primeiras informações estatísticas sobre o autismo surgiram em 1966, na Inglaterra, em que a prevalência era de 4,5 crianças para cada dez mil. No início da década de 1970, na Europa, já se estimava um autista para cada 2500 crianças, de acordo com o *Center for Disease Control and Prevention* (CDC).

Devido a este número crescente, o CDC criou no ano de 2000 o *Autism and Developmental Disabilities Monitoring* (ADDM), com o objetivo de ter uma rede que se ocupasse das estatísticas e prevalências de TEA nos Estados Unidos. Com tal medida, tornou-se possível acompanhar a investigação da doença a cada biênio. A primeira pesquisa ocorreu em 2000, com um autista para cada 150 crianças, em 2002 o número se manteve, mas em 2004 os números tiveram um aumento de um autista para cada 68 crianças (Almeida & Neves, 2020). Segundo o CDC, em 2018, tinha-se um autista a cada 44 crianças; recentemente, em 2020, foram identificados dados diagnósticos superiores à estimativa anterior, ou seja, 1 autista a cada 36 crianças. A previsão é que este número cresça ainda mais, sendo que em 2050 a projeção é de um aumento de 42,7% no diagnóstico de TEA em crianças menores de 5 anos, o que significa 76.000 crianças no espectro. Essas pesquisas se concentram na Europa e nos Estados Unidos, pois a maioria dos países não tem dados mensuráveis sobre essa crescente (Almeida & Neves, 2020).

Com as mudanças de diretrizes clínicas e diagnósticas dos manuais psiquiátricos, a forma de entender o autismo e sua respectiva classificação sofreu alterações significativas, pois a psiquiatria tem como objetivo teórico e prático dar conta da demanda clínica existente e estabelecer uma ordem para sociedade no que diz respeito à percepção das patologias psíquicas. No DSM-I (American Psychiatric Association, 1952), o autismo pertencia ao quadro da esquizofrenia em crianças, ou seja, ele era apenas uma manifestação sintomática. Na segunda versão do DSM (American Psychiatric Association, 1968), este quadro se manteve. Contudo, na década de 80, com a publicação do DSM-III, que representou o marco zero de uma nova relação entre a psiquiatria e a psicopatologia, o autismo passa a pertencer a uma subcategoria da classe dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID).

No DSM-IV, edição lançada em 1994, o TID teve mais subcategorias, como: Síndrome de Rett, Transtorno Desintegrativo da Infância, Transtorno de Asperger e Transtorno Invasivo do Desenvolvimento sem outra especificação. Com a chegada do DSM-5 (2013), todos estes transtornos, exceto a Síndrome de Rett, foram integrados em um único Transtorno do Espectro Autista (TEA). O DSM-5-TR, lançado em 2022, não trouxe alterações diagnósticas com

relação ao TEA, apenas algumas revisões no texto, para melhor compreensão. Com este deslocamento das últimas edições do referido manual, ampliou-se a imprecisão dos critérios de inclusão nas categorias. Dessa forma, compreende-se que mais crianças serão incluídas para as condições do espectro do autismo, convertendo a categoria do TEA em um grande reservatório para quadros bastante heterogêneos do ponto de vista clínico. E, com isso, vê-se a necessidade de uma problematização, pois os profissionais da saúde terão uma demanda que atinge diversas possibilidades sintomáticas (Almeida & Neves, 2020).

De acordo com Pereira (1996), as modificações consistem em que antes existia uma confusão de interpretações em relação aos diagnósticos, por isso a importância em inserir nos manuais classificatórios uma descrição minuciosa dos quadros clínicos. Facilitando-se o entendimento dos profissionais e estudiosos da área da saúde mental e afins. Ao adotar o termo transtorno - derivado do inglês *disorder*, “fora da ordem” - ocorreu um afastamento da linguagem explicativa das doenças e uma desvalorização referente às discussões políticas, sociais, culturais e subjetivas que abalam a vida humana. Ao deixar de considerar essas questões, o DSM torna-se excessivamente pragmático; assim como seu modelo nosográfico incorre nas práticas centradas na normatização, onde se aprecia a medicalização e exclusão do sujeito e de seu sofrimento (Pereira, 1996).

Em um cenário tão amplo e complexo, em que envolve aspectos linguísticos, científicos e mercadológicos, o estudo sobre o autismo implica posicionar-se com cuidado e ter cautela sobre diversos aspectos. Um deles é, justamente, o risco de desvalorização da subjetividade da pessoa diagnosticada, tendo em vista a produção de um ideal abalado pelo diagnóstico médico. A avaliação precoce, por exemplo, necessita de um olhar humanizado e cuidadoso para com a criança, de forma que o possível diagnóstico identificado não se torne definidor de sua identidade, e o quadro clínico não defina o destino de uma pessoa a partir do cenário nosográfico (Jerusalinsky, 2015).

Não se trata em negar o autismo na tenra idade, mas em admitir os caminhos e descaminhos daquilo que é um delicado e complicado processo diagnóstico. Se uma investigação precoce é capaz de beneficiar a criança e sua família, por outro lado existe sempre o risco de que a formulação diagnóstica seja concebida de forma determinística ou fechada, tanto pela visão dos profissionais como pela interpretação dos pais. Isso pode autorizar ou estimular que se defina que a criança permaneça em uma posição fixa em relação às características patológicas do quadro clínico, não valorizando-se as possibilidades de uma construção subjetiva e psicossocial. A partir do momento que se tem quadros clínicos norteados por manuais psiquiátricos que abordam os fenômenos humanos sem considerar a fundo toda a

sua complexidade, incide-se no erro de ter um sistema pragmático. Este mesmo sistema que antes colocou as questões da homossexualidade como patologização (Ortega, 2008).

Dentre os percalços de se ter profissionais e pesquisadores que se utilizam só dos manuais psiquiátricos, sem considerar os aspectos individuais e o contexto social, encontra-se o fato que aponta para uma realidade em que as mulheres foram e são negligenciadas nas pesquisas científicas de maneira histórica, invalidando suas vivências diante do autismo. O problema do diagnóstico tardio em mulheres é uma realidade que permeia até os dias atuais, pois como as meninas apresentam um comportamento mais retraído, alguns sintomas do autismo, passam despercebidos pelos familiares e por profissionais que não estão familiarizados com a temática. Isso é ainda mais claro quando o nível de suporte necessário é 1, por exemplo: a criança tem alta funcionalidade e autonomia e imenso distanciamento social - sua falta de interesse pelos pares é entendida como um traço de sua personalidade e não uma questão a ser investigada (Correia, 2021).

Quando se trata de diagnóstico, algumas análises presentes na literatura da área do autismo indicam que pessoas com identidades de gênero ou orientações afetivo-sexuais diversas são mais identificadas no Espectro, se comparadas a pessoas com desenvolvimento típico. Este fenômeno é de importante observância tendo em vista que, para adultos autistas, o acesso a direitos básicos (saúde, educação, trabalho, qualidade de vida) é dificultado; cuidados e suportes necessários a pessoas LGBTQIAP+ seguem imensa raridade. É muito comum, ainda, que os adultos apresentem condições como quadros depressivos, de ansiedade, déficits de atenção, transtorno obsessivo compulsivo e transtorno bipolar. Com isso, tem-se a necessidade de melhorar o acesso da população LGBTQIAP+ ² aos direitos básicos e treinar, de forma contínua, os profissionais da área da saúde para que esses possam prestar um atendimento qualificado e humanizado e que as informações cheguem de forma uniforme e clara (Warrier et al., 2020).

Ana Carla Ottoni (2022), em seu levantamento de dados, deparou-se com um dado, segundo o qual, dentro da comunidade LGBTQIAPN+, haveria mais pessoas dentro do espectro autista do que em comunidades formadas apenas por pessoas típicas. Todavia, esta amostra foi realizada com jovens adultos norte-americanos e que não eram heterossexuais. Contudo, tal fenômeno sinaliza a importância de um olhar mais aprofundado para essa população. Dentre os trabalhos relacionados ao TEA, sob a ótica da inclusão, destaca-

² Sigla destinada para a identificação de pessoas Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/ Agênero, Pan/Polí, Não-binárias e mais.

se o termo neurodiversidade, o qual está alinhado com o modelo social de deficiência, em que se considera que todas as formas de divergências neurológicas devem ser respeitadas individualmente e sempre considerando o contexto do indivíduo (Brilhante et al., 2020).

Propõe-se, portanto, que o olhar sobre o autismo e vida adulta seja balizado pela percepção de que, para além de uma condição médica, trata-se de parte da identidade dos sujeitos que precisa ser compreendida, apoiada e respeitada. A esta perspectiva, será acrescentada a denominação Inclusão Social, proposta baseada no Paradigma de Suportes, segundo o qual a sociedade, em todas suas facetas, deve democraticamente oferecer condições de acesso a direitos às pessoas com deficiência, deslocando o olhar da individualização, culpabilização e medicalização para a coletividade, luta anticapacitista e desenvolvimento (Aranha, 2001).

1.2 Educação Sexual das pessoas com autismo

A adolescência tem início com o surgimento das primeiras características físicas sexuais, correspondendo, no mundo ocidental, à fase entre 12 e os 20 anos, havendo oscilações de acordo com os diferentes sexos, etnias e condições socioeconômicas e culturais. Caracterizada por mudanças nas esferas física, cognitiva, social e emocional, a adolescência é uma fase do ciclo vital repleta de desafios (Ferreira & Nela, 2006).

No que se refere à sexualidade de adolescentes com autismo, é recorrente a afirmação de que “sexo não é para a maioria das pessoas autistas”. Esta afirmação foi dada a partir dos estudos iniciais com os autistas em que a questão da sexualidade não era reconhecida, pois a priori o interesse científico se pautava na funcionalidade dessa população. Estudos posteriores contemporâneos mostraram a presença de interesse em sexo e envolvimento em práticas sexuais entre pessoas no espectro. Percebe-se que os autistas podem ou não ter interesse sexual, e isto dependerá de suas vivências e características (Kellaher, 2015).

No estudo de Kellaher (2015), tanto os adolescentes com TEA quanto seus pares na população geral demonstraram atitudes positivas e permissivas em relação à sexualidade e à diversidade. Na verdade, encontrou-se que garotos diagnosticados com TEA são até mais tolerantes em relação à homossexualidade, o que poderia indicar que alguns indivíduos podem não possuir rigidez de pré-conceitos com a sexualidade, e que podem estar disponíveis para viver as relações afetivas sem amarras de uma regra social heteronormativa. Todavia, como no caso de neurotípicos, se a pessoa autista for inserida em um ambiente rígido e repressivo, será mais difícil estar aberta a uma sexualidade livre, podendo também apresentar várias formas de

preconceitos (Kellaher, 2015).

Devido a todo estereótipo criado em torno da pessoa autista a respeito da sexualidade, é frequente ocorrer uma invisibilização das demandas afetivas deles, principalmente os que possuem altas habilidades, porque mesmo não necessitando de cuidados excedentes da família, ainda possui a ideia prevalente de que esses são assexuados, por conta da sua falta de comunicação social, das dificuldades de se relacionar e entender regras sociais que não são claras. Contudo, nada disso invalida suas necessidades afetivas (Correia, 2021).

As rotinas podem ser importantes para a organização pessoal, sensorial e de bem estar das pessoas autistas, e são um exemplo de desafio a ser enfrentado em um relacionamento amoroso ou sexual, por exemplo. Eles podem não ser flexíveis o suficiente para reagir às necessidades dos parceiros ou não o suficiente para reagir às necessidades dos parceiros, ou não saber o que estes querem (Tafari & Safra, 2008).

Além desse cenário, tem-se as experiências sexuais indesejadas, que podem estar atreladas devido a vulnerabilidade desta população, ou seja, os autistas por não entenderem as pistas sociais, serem incapazes de perceber certos tipos de violência e acabarem por se envolver em situações de abuso. Claro que não é só a questão das pistas sociais e sim de uma identificação e reconhecimento de escolhas que talvez não estejam claras para os indivíduos que não tiveram esclarecimentos sobre o papel da sexualidade. Por outro lado, se as pessoas com autismo se expressarem sexualmente de forma indevida em contextos inapropriados, isto poderá acarretar em uma violência sexual. Portanto é fundamental reconhecer a importância de uma educação sexual para todos e que levem em consideração as particularidades de cada grupo com que se trabalhe. Do ponto de vista de uma educação e saúde públicas, que prezam pela concepção e construção de práticas de natureza protetiva e preventiva, a atual pesquisa propõe e defende a ideia de que a Educação Sexual também é uma importante ferramenta interventiva para com a população de pessoas que recebem um diagnóstico relativo ao Espectro autista. Porque a Educação Sexual é um conceito multifatorial, em que se abordará vários aspectos da vida do indivíduo, com o objeto de desconstruir pré-conceitos e estereótipos enraizados em nossa sociedade (Ottoni, 2022).

A razão disso é que no que tange às relações interpessoais, identidade sexual, identidade de gênero e suas nuances, os processos que envolvem relações sexuais e as diferentes orientações sexuais, pois esses indivíduos tendem a apresentar preponderância de diversidade sexual e de gênero. Se as pessoas com autismo estiverem inseridas em um ambiente que considera o outro como pessoas de direito às escolhas, e que deem a elas a oportunidade dessas escolhas. Elas não ficaram presas a convenções sociais que na maioria das vezes não fazem

sentido e são tomadas como verdade baseadas em bem ou mal. Em outras palavras, os autistas não veem o mundo como as pessoas neurotípicas. Se eles tiverem uma educação que não se apega às questões ditadas pelo patriarcado em que homens e mulheres têm papéis pré-definidos e funções específicas, isto os estimularam a não terem receios de se envolver e experimentar relações ditas como não convencionais (Ottoni, 2022).

Vivenciar uma relação afetiva para algumas pessoas no espectro pode ser um regulador emocional, caso tenham como experiência serem aceitas e desejadas, com isso sua autoestima se eleva, então o apoio social é encarado como regulador dos níveis depressivos. Contudo, por conta dos desafios comuns, como dificuldade no entendimento de pistas sociais, interpretação do interesse do outro e a existência ou não da reciprocidade, os relacionamentos podem também representar dificuldades e angústias a serem apoiadas (Correia, 2021).

E acrescenta,

A maioria dos participantes [de seu estudo] concordou que a PEA³ tem impacto nas relações amorosas. Houve opiniões divergentes, porém a maioria descreveu que os sintomas desta perturbação têm impacto negativo nas relações. As características do quadro clínico dificultam as relações de forma geral. O ser diagnosticado foi considerado como fator positivo, pois auxiliou na compreensão das dificuldades sentidas ao nível das relações (Correia, 2021, p.31).

Segundo o estudo de Ottoni (2022), tem-se autistas com dificuldades em transparecer interesses sexuais e outros mostram-se sem interesses, com aspectos muito particulares, como desconfortos no toque físico, por exemplo. Aqui volta-se a uma das alterações presentes nas pessoas com TEA: a Hiper/Hipersensibilidade, nem sempre compreendida pelas pessoas típicas, que podem interpretar as sensações atípicas como falta de interesse, desleixo ou preciosismo alheio. Faz-se necessário lembrar que o conceito de sexualidade não está vinculado à prática sexual, independentemente de quais condições somos seres que buscam afetividade e acolhimento.

Por esta razão, algumas pessoas evitam ou criam estratégias para suportar a aversão que está associada à hipersensibilidade presente no transtorno. Outro ponto comumente desafiador é a falta de compreensão das regras sociais. Quando se está em uma conversação,

³ Perturbação do Espectro Autista, a autora portuguesa, em sua dissertação, utiliza a palavra perturbação no lugar de transtorno.

existem sinais que a outra pessoa emite, nem sempre verbais, e o não verbal é pode ser mais complexo para o autista (Correia, 2021).

Assim como para as pessoas com desenvolvimento típico, a masturbação e o autoerotismo são formas de se conhecer, obter prazer e entender mais profundamente suas respostas e modos de funcionar em termos sexuais. Todavia, o ato de se masturbar para muitos está associado à vergonha, desconforto e insatisfação, que podem ter desenvolvido tais crenças por meio de uma Educação Sexual informal, em que a inabilidade em lidar com essas questões no período do desenvolvimento infantil estava presente e é possível que tenha sido feita uma intervenção castradora (Lopes et al., 2018).

Na pesquisa realizada por Correia (2021), composta por 22 pessoas, 5 homens e 14 mulheres e idades entre 15 a 45 anos, percebe-se que a ansiedade tem níveis mais elevados dentre as pessoas neurotípicas, o que pode estar relacionado a questões como dificuldades sociais para entender as intenções dos outros. Isto vem a interferir e até diminuir a aproximação que poderia ocorrer. *“Este impacto é percebido através de falta de competências na comunicação, dificuldade em identificar emoções e necessidades do próprio corpo, insistência na monotonia, problemas na reciprocidade e na flexibilidade, bem como problemas sensoriais”* [itálicos nossos] (Correia, 2021, p. 31).

De acordo com Correia (2021), os dados colhidos na internet para sua pesquisa são pontuais, e não são suficientes para fazer uma generalização, mas indicam que, quando se refere aos cuidados na saúde sexual, os homens tendem a não serem possuidores de todas as informações necessárias para manutenção efetiva, e não buscam em sua maioria por especialistas na área - o que também foi encontrado na pesquisa de Ottoni (2022).

É importante mencionar que, ao falar em TEA, as pessoas que se encontram no espectro possuem diferentes impactos em seu desenvolvimento com relação ao transtorno. Um autista nível 1 de suporte pode ter como principais demandas como compreender e conciliar o desejo sexual e a aversão ao toque, entender as regras sociais e sua aplicabilidade ao contato afetivo (Lopes et al., 2018). Em sua pesquisa, Lopes et al. [itálicos nossos] (2018, p. 1117) evidenciam essas demandas por meio do relato de um dos participantes: *“o contato é difícil. Incomoda. É estranho. E não é que eu não queira, mas sei lá, se tivesse como trabalhar isso de querer e ao mesmo tempo não querer tocar seria bom. Mas não sei se tem como”*.

Com o autista de nível 3 de suporte, as questões podem ser mais voltadas para trabalhar as regras sociais e a relação com o corpo. Há tendência de menor consciência das regras de privacidade e por isso podem apresentar comportamentos sexuais inadequados (Lopes et al., 2018). Quando não se tem ensinamentos de cunho sexual de qualidade as pessoas no espectro,

acabam por se tornarem vítimas de uma sociedade que infantiliza, e afasta essas pessoas de uma Educação Sexual de qualidade e os inviabiliza em relação a poder ter uma vida autônoma e fazer escolhas conscientes (Correia, 2021).

Na pesquisa de Ottoni (2022, p. 90), uma das participantes autistas caracterizou a sexualidade da seguinte forma:

[teria que mudar] o nome sexualidade por um nome, por exemplo assim, respiração. Mudaria que o oxigênio não é privatizado, as pessoas simplesmente respiram, porque elas vivem, sabe? Ninguém pode ser acusado de respirar (choro). Ninguém pode ser acusado de amar fora de determinado padrão. Não tem muito padrão para respirar, as pessoas podem fazer aulas de yoga, de meditação, não tem jeito legítimo e bárbaro. Não tem respiração barbara, porque senão a pessoa morre.

Relativamente às questões da Educação Sexual, essas são compreendidas como algo deficitário para todos, de um modo geral, dentro ou fora do espectro, mas pessoas neurotípicas conseguem compensar parcialmente com as interações sociais. Todavia, para as pessoas autistas essa solução não é válida, devido a sua inabilidade social, por isso buscam tais respostas aos seus questionamentos por meio da internet ou pornografia (Ottoni, 2022).

1.3 O papel da família e da escola na Educação Sexual dos autistas

A família é a primeira fonte de informação em relação à educação sexual para os jovens. É recomendável que os pais tenham uma comunicação apropriada e contínua em prol do desenvolvimento da sexualidade, que inicia na infância, com o objetivo de formar uma base sólida de informações sobre decisões sexuais saudáveis e desenvolvimento sexual (Holme, Himle & Strassberg, 2015).

Tilio (2017), em seu estudo de caso que envolveu um familiar cuidador de um indivíduo com TEA, verificou que a família o considerava um sujeito dependente, ou seja, mesmo depois de adulto ele era considerado imaturo. Com este resultado entende-se que existe uma dificuldade, nas famílias de pessoas com TEA, de perceber que tais indivíduos se desenvolvem biologicamente e sexualmente de maneira específica. Os pais frequentemente descrevem essa fase como sendo muito difícil e temem que, devido à falta de habilidades sociais, seus filhos se tornem vítimas ou autores de abusos sexuais (Green, 2000).

Com as excessivas demandas de cuidado que uma pessoa com TEA apresenta, os pais ficam tão envolvidos que acabam por não perceberem que os filhos crescem e, possuem um desenvolvimento sexual, embora no TEA o fenômeno da sexualidade tem que ser considerado conforme suas particularidades e nível de desenvolvimento cognitivo e afetivo (Ottoni & Maia, 2019). As preocupações das famílias, de certa forma, são compreensíveis e justificáveis, pois as pessoas com TEA têm déficit em habilidades de comunicação e de adotar a perspectiva de outras pessoas e, frequentemente, enfrentam dificuldades em desenvolver e compreender relacionamentos românticos. Por falta de compreensão dos autistas, estes estão mais vulneráveis e expostos a violações de ordem sexual e física (Tafuri & Safra, 2008).

É importante salientar que as famílias podem ter crenças errôneas sobre o que é sexualidade, pois, em sua maioria, não tiveram a oportunidade de aprender sobre educação sexual de forma fluida e sem estereótipos. E estes que farão parte da vida dos adultos com autismo e os orientaram e ensinaram. Como entender algo que não está claro, ou que minha percepção sobre o tema está pautada no preconceito, estigma e estereótipos (Menezes, 2008).

Por isso a relevância de se falar sobre as questões da sexualidade, pois só dialogando com a família está poderá perceber que seus filhos (as) têm condições de possuir uma vida mais autônoma (Tafuri & Safra, 2008). Encontra-se vários desafios em oferecer educação sexual para os autistas, pois os pais que possuem filhos com níveis menores de suporte não sabem como abordar o assunto e chegam a cogitar que se for abordar, pode estimular esse interesse ou hiperfoco. Já os pais com filhos autistas com maior necessidade de suporte, não possuem expectativas de que seus filhos possam se apaixonar ou terem um relacionamento afetivo com um(a) parceiro(a) (Lopes et al., 2018).

O pesquisador Ivey (2004, citado por Holmes et al., 2015), por meio de sua coleta de dados em que foram entrevistados 25 cuidadores de pessoas com TEA em todos os níveis de suporte, às idades dos filhos variam entre 4 e 20 anos. Pediu-se para os sujeitos da pesquisa (cuidadores) que avaliassem a possibilidade de seus filhos atingirem resultados pessoais, vocacionais e comunitários. Nos resultados o fator de menor classificação foi casar e ter seus próprios filhos.

Contudo, esse estudo não detalhou as expectativas da sexualidade em si, e a dos pais, ou seja, não considerou o contexto de um relacionamento afetivo e uma vida independente da família original. E não discrimina a relação entre os fatores gravidade do TEA e características específicas do Transtorno, uma vez que sabe-se que por mais que todos os filhos dos sujeitos de pesquisa estejam dentro do espectro, os mesmos têm diferentes necessidades e este não foi um fator relevante para o estudo. Quando a pesquisa é direcionada para estudar autistas é

necessário destacar o nível de comprometimento do sujeito (Holmes et al., 2015).

O fato de as pessoas com TEA terem como características dificuldades de interação social, falta de relações sociais e hipersensibilidades sensoriais já é o suficiente para seus pais possuírem baixa expectativa em relação às discussões sobre a sexualidade e não vêm relevância na temática. Acreditando que trazer o assunto para uma discussão abrangente pode ser cruel para seus filhos, os pais acreditam estar poupando seus filhos de danos maiores (Holmes et al., 2015).

Ao deparar-se com a resistência de algumas famílias em tratar sobre a temática da sexualidade, fica claro que esta questão está associada às expectativas dos pais em relação a seus filhos serem capazes de desenvolverem relações sexuais ou ter um relacionamento, e não esperarem que eles precisem ou se beneficiem da educação sexual (Holmes et al., 2015).

Para que se possa existir uma relação mais saudável entre pais e filhos, é necessário o entendimento de que o desenvolvimento da sexualidade do autista não é afetada pelo fato deste estar no espectro. Cogita-se que a raiz do problema pode se encontrar na falta de orientação desses pais para as questões da educação sexual, pois não possuem conhecimento formal de como promover um ambiente mais acolhedor para seus filhos. O tema sexualidade não é um assunto em que a maioria das famílias se sentem confortáveis em explicar. E como já mencionado anteriormente, as pessoas do espectro autista possuem uma sexualidade ignorada, porque não são vistas como pessoas que não são capazes de terem um desenvolvimento sexual dentro do esperado, ou seja, não desenvolvem seus desejos e necessidades. Então, faz-se necessário uma Educação Sexual pautada em conceitos que não estimulam preconceitos (Ottoni & Maia, 2019).

Como vem sendo explanado no texto, a Educação Sexual abordada por algumas famílias pode ser a do silêncio, já que neste contexto não existe diálogo sobre o tema para com os autistas. Deste modo, a função de abordar o assunto acerca da sexualidade passa a ser da equipe multidisciplinar, que nos primeiros anos de vida e até o início da adolescência, vivencia a maior parte do tempo com esses indivíduos (Ottoni, 2022). Entende-se, entretanto, que a responsabilidade deve ser partilhada entre todos os adultos (familiares, profissionais e comunidade), se possível em diálogo para que o ensino se dê de forma coerente.

Os participantes da pesquisa da Correia (2021) enfatizam que seus familiares os veem como crianças por mais tempo, portanto, sua autoimagem, mesmo após a vida adulta, fica comprometida e leva-se mais tempo para se autodesenvolver (Correia, 2021). De acordo com Williams (2012), os sujeitos com autismo têm todas as condições para serem inseridos no mundo, mesmo que por meio de poucas palavras ou sem elas, contanto que tenham suporte

para tal feito.

Para que a educação sexual não se restrinja só ao ambiente familiar, faz-se necessário que essa seja abordada na escola, pois o desenvolvimento sexual ocorre também dentro de um contexto sociocultural (Lopes et al., 2018). A sexualidade é social e para se ter relacionamentos saudáveis é necessário que a temática seja problematizada nas práticas pedagógicas. A escola tem um papel muito importante em relação à construção de um sujeito social e de direitos. A subjetividade e o corpo em desenvolvimento, independe de suas limitações (Lopes et al., 2018).

Entende-se que existe resistência das escolas para trazer a temática da sexualidade nos temas transversais. Isto pode estar atrelado também com a falta de preparo, pois para trabalhar de forma assertiva é necessário que os seus profissionais tenham uma formação continuada e desenvolvam caminhos para a escuta (Lopes et al., 2018).

Quando a escola se propõe a trazer o tema, este é voltado ao quesito reprodução, percebe-se o quanto não é eficaz (Lopes et al., 2018). Isto fica claro no relato de dois jovens autistas que expõem seu descontentamento. “*Educação sexual tinha. Agora no terceiro ano, não tem mais. Mas a aula era sobre biologia*” [itálicos nossos] (Lopes et al., 2018, p. 1117).

Para Lopes et al. (2018, p. 1117), “até tem educação sexual na escola. Mas é tudo muito abstrato. É difícil pra gente entender o que eles estão querendo dizer. E o foco é sempre na prevenção de doenças e gravidez. Não tem espaço pra gente colocar nossas dúvidas”.

Em suma, ressalta-se a importância da educação sexual para o autista e que seja iniciada em idades precoces, já que a sexualidade se apresenta desde a primeira infância. E que seja realizada de forma personalizada, de acordo com a necessidade de cada sujeito, respeitando as singularidades (Lopes et al., 2018).

É importante o papel da escola para abranger a temática da sexualidade, por se tratar de um ambiente fértil para discutir, expressar, definir ações, modos de agir e de pensar e conscientizar. É um espaço de socialização rico em diversidade, podendo configurar-se como um local de experiências de liberdade e conscientização, quando voltado para a educação sexual emancipatória, em que se tem um entendimento que o sujeito pode ter autonomia, como um ser social com vontade própria e parte de um processo coletivo (Lopes et al., 2018).

2 JUSTIFICATIVA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição permanente de impactos heterogêneos na comparação entre as pessoas diagnosticadas. Considerando ser comum o impacto em áreas como comunicação e sociabilidade, é frequente que familiares e o entorno social, em uma dinâmica capacitista de espelhamento das dificuldades, generalizar para o campo da sexualidade, inviabilizando, negligenciando e silenciando perante quaisquer tipos de manifestações, negando direitos básicos de acesso à qualidade de vida (Ottoni, 2022).

Dentre as muitas relevâncias a serem citadas no contexto de estudos da área de sexualidade e autismo, é importante comentar o aumento na prevalência (em parte, devido ao alargamento dos critérios diagnósticos); cuidado com dinâmicas como o diagnóstico precoce, que pode deslocar o olhar para a condição médica em detrimento do sujeito; e os estudos que indicam maior vitimização desta população em termos de violência sexual (Ottoni, 2022; Correia, 2021; Lopes, 2018).

Ao nosso ver, o número de adolescentes e pessoas adultas com este diagnóstico tende, portanto, a aumentar. Deve-se levar em conta as necessidades específicas desses sujeitos, como a criação de espaço para diálogos e discussões entre familiares e cuidadores, entre eles e o sujeito, afim de desmistificar, desfazer confusões e reducionismos em torno dos indivíduos com TEA, sobretudo no que tange aos aspectos sociais. O mais assertivo, neste contexto, seria instrumentalizar a família, principalmente na primeira infância e adolescência, em que alguns comportamentos sexuais são considerados desviantes (Ottoni, 2022).

Acrescentaríamos, todavia, que os desafios dos/as autistas, fundamentalmente, se apresentam a todos nós: existir emocionalmente na relação com o/a outro/a. Para a psicanálise e outras abordagens psicodinâmicas, na forma como compreendemos, nós só existimos como sujeitos na medida em que nos sentimos emocionalmente em contato com o/a outro/a. Os adultos com autismo não são necessariamente menos interessados em sexo do que os demais (Kellaher, 2015) - quaisquer generalizações seriam injustas com o que a realidade apresenta em termos de diversidade de repertório dessas pessoas.

Buscando ampliar os trabalhos existentes sobre as correlações entre autismo, sexualidade e educação sexual, o presente estudo almejou contribuir nos seguintes aspectos: conferir visibilidade para os sujeitos com diagnóstico de TEA, reposicionando o olhar do/a pesquisador/a sobre a subjetividade no espectro autista; gerar reflexões e parâmetros que possam nortear ações em Educação Sexual, incluindo a dimensão psicossocial e afetiva do

sujeito com autismo. A pergunta de pesquisa norteadora do projeto poderia ser definida em: O que dizem adultos autistas sobre sua sexualidade e como estes dados podem ser analisados sob a perspectiva da Inclusão Social e da Educação Sexual Emancipatória, contribuindo assim para que futuros estudos e intervenções tenham uma possível referência que embase suas ações?

3 OBJETIVOS

3.1 Geral

Analisar características e demandas de adultos autistas que se voluntariaram a participar de uma série documental sobre a sua sexualidade e busca pelo amor, relacionando esses dados documentais com a literatura científica sob a ótica da inclusão social e educação sexual emancipatória.

3.2 Específicos

- a) Identificar como as relações interpessoais e a sexualidade das pessoas autistas são relatadas e abordadas por elas mesmas;
- b) Descrever as vivências de sexualidade para adultos autistas que participaram da série documental “ Amor no Espectro”, comparando-as com a literatura científica da área;
- c) Elaborar reflexões e direcionamentos sistemáticos sobre a temática, para fundamentar futuros estudos e intervenções na área.

4 MÉTODO

4.1 Natureza da Pesquisa

A temática da pesquisa, ainda pouco explorada nos estudos brasileiros, produz contexto para que diferentes métodos se façam relevantes, tendo em vista que explorações ainda estão em fase inicial (Ottoni, 2022). Optou-se, desta forma, pela pesquisa qualitativa, que segundo Gil (2002) permite descrições de fenômenos em face de uma vertente de análise, escolhida pelos autores e por eles apresentada. Para o autor, são elementos importantes desta categoria metodológica a apresentação dos dados, sua categorização e interpretação.

Dentre as possibilidades de tipos de estudos qualitativos, escolheu-se, ainda, a categoria documental (Gil, 2002), caracterizada pelo uso de fontes constituídas por materiais diversos, que podem ser “de primeira mão”, ou seja, nunca antes tratados e comumente reservados com relação ao público geral (cartas pessoais, documentos governamentais restritos, etc), ou “de segunda mão”, já disponíveis para análises de modo amplo. Com relação às fragilidades deste método, é importante citar que não são um material representativo de toda a população referida - não podendo, portanto, suas análises serem indiscriminadamente generalizáveis.

4.2 Procedimentos de coleta e análise de dados

A pesquisa foi realizada a partir das etapas propostas por Gil para estudos qualitativos: I) Pré-Análise (escolha dos documentos e bibliografia e preparação do material para análise); II) Exploração do material (escolha dos dados e classificação); III) Tratamento dos dados.

I) Pré-Análise

Esta etapa foi constituída pelo levantamento bibliográfico, ou seja, busca e escolha dos materiais que balizaram as análises dos dados, e levantamento documental, relacionado à seleção do material a ser utilizado para análise. Compreendendo a importância de ter como material-base relatos de adultos autistas que pudessem descrever, em primeira pessoa, suas experiências e percepções sobre sexualidade, escolheu-se trabalhar com os documentários *Amor no Espectro* (2019, Austrália), *Amor no Espectro* (2021, Austrália) e *Amor no Espectro* (2022, Estados Unidos), disponíveis na plataforma de *streaming* Netflix. São 3 temporadas, segundo as duas primeiras gravadas na Austrália, com 5 e 6 episódios, respectivamente; e a terceira nos Estados Unidos, com 6 episódios.

Os episódios foram assistidos integralmente e, após este primeiro contato, a pesquisadora selecionou os trechos de falas que tocassem nas temáticas sexualidade, afetividade e/ou relacionamentos, transcrevendo-os literalmente em texto. Assistiu-se por três vezes seguidas cada episódio com áudio em português e legenda, a fim de não se perder qualquer informação que fosse importante para a pesquisa. No total foram selecionados 20 trechos com relatos de 10 mulheres e 10 homens, cujas idades variam entre 18 a 63 anos. No documentário o repórter faz perguntas objetivas e direcionadas aos autistas mas, também existiu um momento de acompanhamento desses autistas nos encontros amorosos, conversas com familiares e amigos. Para facilitar a análise dos dados, os trechos selecionados foram retirados das perguntas objetivas respondidas pelos autistas.

Para realizar o levantamento bibliográfico, foram delimitados os seguintes critérios de inclusão: a) pesquisas publicadas em formato de artigo; b) teses e dissertações; c) sem delimitação inicial de data de publicação, até outubro 2023; d) disponibilizados em idiomas português e inglês; e) livros que tratassem da temática principal, sexualidade e autismo. Os descritores selecionados foram: desenvolvimento sexual, sexualidade e saúde sexual, educação sexual, relacionamentos, psicanálise e sexualidade, qualidade de vida e autismo, diagnóstico, desenvolvimento psicosssexual e adolescência.

Utilizou-se dos bancos de dados eletrônicos: *Scientific Eletronic Library Online – Scielo*; Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde – Lilacs; Biblioteca Regional de Medicina – BIREME; Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia União Latino-Americana de Psicologia-ULAPSI Brasil - BVS-Psi e Periódicos Eletrônicos em Psicologia - PEPSIC. A atualização assistemática das referências foi realizada ao decorrer de toda a pesquisa, entre agosto de 2021 e outubro de 2023.

Conforme citado por Gil (2002), os dados qualitativos precisam valer-se, devido à sua natureza, de esquemas, tabelas ou quadros que facilitem sua apresentação. Por isso, optou-se por incluir os trechos selecionados do documentário em um quadro, possibilitando inclusive que os dados sejam futuramente utilizados com outras finalidades (APÊNDICE 1), e as referências bibliográficas encontradas também dispostas em quadro para facilitar a compreensão sobre o conjunto de conhecimentos que embasou o trabalho (APÊNDICE 2).

II) Exploração do material

Considerando a escolha pelo método de Análise de Conteúdos (Bardin, 1977), optou-se pela organização do material de análise a partir de categorias apriorísticas, ou seja: os dados documentais (transcrições dos relatos do documentário) foram divididos a partir de categorias as quais, segundo a literatura da área, são essenciais para compreender a sexualidade de adultos

autistas (Ottoni & Maia, 2019). São elas: 1) Concepções sobre a sexualidade de pessoas autistas; 2) Questões de sociabilidade e habilidades sociais; 3) Vivências de comportamentos e/ou relações e/ou desejos sexuais/amorosos; 4) Vitimização de pessoas autistas com relação a comportamentos de risco ou violências; 5) Experiências ou ausência de educação sexual e oportunidades de diálogo sobre sexualidade; 6) Aspectos do autismo que influenciam a vivência de sexualidade.

É a partir de tais categorias que os dados serão apresentados, em seguida analisados a partir da literatura selecionada, com foco especial na perspectiva de Inclusão Social e Educação Sexual Emancipatória. Para divisão dos trechos nas categorias, usou-se o método de leitura exaustiva e verificação para que um mesmo dado não fosse passível de classificação em mais de uma.

III) Tratamento dos dados

A Análise de Conteúdos, sistematizada e proposta por Bardin (1977), tem como objetivo tratar dados de origens qualitativas diversas, baseadas especialmente em textos (documentos, relatos, transcrições) ou imagens. Dentre as múltiplas possibilidades de propostas, escolheu-se a categorização apriorística - ou seja, apresentação dos dados a partir de categorias previamente selecionadas e compreendidas como importantes - complementadas por análises a partir de bibliografia oportuna (neste caso, levantada na revisão bibliográfica e na literatura de Inclusão Social e Educação Sexual Emancipatória).

5 RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS

Os dados estão apresentados e analisados a seguir, na sequência das categorias propostas.

5.1 Categoria 1: Concepções sobre a sexualidade de pessoas autistas

James, 34 anos: “Tenho Síndrome de Asperger, mas não deixo que me limite. Isso não me define. E sim, estou em busca do amor. Quero encontrar uma parceira, uma alma gêmea com quem eu possa dividir a vida. Na época do meu diagnóstico, a sociedade não sabia muito sobre a síndrome de Asperger e o autismo, então, infelizmente, era difícil conseguir ajuda”.

Jennifer Cook, 35 anos: “Eu fui diagnosticada no espectro há cerca de dez anos, e isso me fez entender muita coisa. O autismo é uma compilação de uma série de comportamentos, desafios e aptidões, mas todos temos sensibilidades sensoriais e dificuldades em comunicação verbal, mas garanto que o que sentimos muitas vezes não combina com o que demonstramos. Todos no espectro são diferentes e precisam de cuidados específicos. Alguns têm deficiência intelectual e transtorno de aprendizagem. Outros têm um QI de gênio, outros têm os dois ao mesmo tempo, mas no fim das contas todos buscam a mesma coisa, respeito, compreensão e muito amor”.

Olivia, 25 anos: é como estar em uma caixa transparente. Ninguém te escuta, eles te veem, mas não interage com você. Você pode bater na parede, mas não pode sair, então é muito solitário ficar na caixa a vida toda. Porque ninguém pode entrar e você não pode sair, e ninguém pode te entender”.

Kelvin, 21 anos: “Algumas garotas não querem namorar alguém com uma deficiência”.

Os relatos dos participantes expressam um entendimento de que a sexualidade é uma dimensão da vida que não pode ser reduzida à vivência do autismo - e nem às dificuldades da condição a ela generalizadas. Como afirmado por Maia (2010), trata-se de uma dimensão humana complexa e ampla, presente ao longo de toda a vida, de todas as pessoas. Assim, é necessário cuidar para que preconceitos não se desenvolvam com relação às pessoas autistas antecipadamente, como imaginando que não tenham desejos ou necessidade de serem amados

e terem relações. Amaral (2009) ressalta que esta é uma dinâmica comum entre familiares e pode resultar em impactos negativos importantes. Nos relatos, apresentou-se uma percepção de uma ausência de reconhecimento, por meio de um discurso permeado de uma analogia em que a mente pode ser uma prisão sem paredes. Nem sempre o autista quer o isolamento, mas em alguns casos é forçado a ele por conta de contextos opressores.

A esse respeito, percebe-se, nos três primeiros relatos, uma ideia em comum, a qual expressa uma busca amorosa e o anseio por uma relação compreensiva com o outro.

Diante dos recortes para esta categoria, questionou-se um meio para que a sexualidade das pessoas autistas tenha menos impactos negativos em suas vidas. Pensou-se em duas possibilidades: ter mais publicações científicas para os profissionais que trabalham com este público, a fim de apresentar atualizações na área e a divulgação por meio das redes sociais, com o âmbito de levar informações científicas, mas com uma linguagem acessível e inteligível. Vale ressaltar que existem movimentos ativistas que abordam a sexualidade das pessoas com deficiência. Entre eles encontra-se o “Yes, We Fuck” trata-se de um documentário que além do sexo, mostra o que a sexualidade pode fazer pelas pessoas com diversidade funcional. A diversidade da sexualidade e a independência pessoal são o foco das histórias que este documentário mostra. Outra figura importante no ativismo é Leandra Migotto Certeza, autora, jornalista e consultora. Ela é uma pessoa com deficiência e dedica-se à divulgação por meio de palestras e artigos dos direitos dos indivíduos com deficiência. Seu trabalho intitulado “Feminismos plurais não podem excluir mulheres “ de dezembro/2022 trata sobre como a maioria das mulheres com deficiência ainda são excluídas, infantilizadas, enxergadas de forma assistencialista, capacitista, e Sem direito de fazer escolhas sobre suas vidas e/ou respeito às suas particularidades e necessidades de acessibilidade.

5.2 Categoria 2: Questões de sociabilidade e habilidades sociais

Kaelynn, 24 anos: [qual é a pior coisa de ser autista?]: “Acho que o isolamento que vem com isso. Tenho dificuldades em fazer conexões genuínas com as pessoas, porque o fato de não conseguir interpretar linguagem corporal e expressões faciais. Às vezes falamos demais, outras não o bastante, ou se não demonstrarmos interesse, e aí já se presume que eu não estou interessado ou não gosto dela [...] tenho todos os transtornos de aprendizagem que puder imaginar: dislexia, discalculia, disgrafia, TDAH e autismo. Eles afetam diversos aspectos da

minha vida. Na educação, trabalho, vida familiar, tudo é afetado. [...] Eu não quero morrer sozinha. Conviver com as pessoas é desgastante, mas não gosto de ficar só”.

Este sensível relato evidencia que alguns adultos autistas vivenciaram a experiência de se esforçar para se relacionar com os outros, em uma dinâmica na qual sente que, perante uma sociedade neurotípica, deve se adequar a ela, e que traz a sensação de não pertencimento. Como mostra Aranha (2001), percebe-se uma individualização do sujeito, em que ele é responsabilizado por não se adequar ao meio. De modo convergente, Correia (2021) apontou que a falta de comunicação social e não conseguir entender regras sociais implícitas geram dificuldades para se relacionar; isto, associado a outras condições coexistentes causam ainda mais prejuízos no desempenho de habilidades interpessoais pelas pessoas autistas.

Uma ação no sentido de apoiar o adulto autista neste aspecto afetivo, pode-se pensar em uma cartilha com linguagem compreensível para públicos diversos e não só acadêmicos como a elaborada por Ottoni (2022). Em que se destaca a sexualidade como algo mutável que está presente em toda a vida do indivíduo. E compreende aspectos biológicos, psicológicos, sociais, culturais, morais, estéticos que vão muito além de uma generalização que envolve as questões de genitálias. Outra possibilidade consiste em promover debates acerca da temática sexualidade a fim de que a sociedade possa a partir das informações desmistificar preconceitos.

5.3 Categoria 3: Vivências de comportamentos e/ou relações e/ou desejos sexuais/amorosos

Teodora, 22 anos: “eu tenho sido mais atraída por garotas e mulheres. Eu estava olhando as garotas na rua e pensando. Elas são atraentes! Nossa, que sexy!”.

Michael, 26 anos: “vou continuar minha busca pelo amor verdadeiro. Não suporto a ideia de ser solteiro a vida toda, porque é solitária, é chata, e também não é satisfatório. E faz você sentir que não tem um propósito. Não consigo me ver sem uma esposa”.

Teodora, 22 anos: “Estou procurando quem ria comigo. Ou segure minha mão e diga: Eu estou aqui para cuidar de você [...] Se o Donald Trump tem uma parceira, e ele é tão esquisito, qualquer um pode ter um relacionamento”.

Rosie, 26 anos: [quando soube que gostava de garotas?] “Acho que eu sempre soube, mas era

estranho porque eu achava que todos eram assim, então não dizia nada”.

Kassandra, 27 anos: “eu acho que sou o que uma amiga minha falou “panromântica”. Sou emocionalmente atraída por pessoas, não necessariamente por gêneros”.

Abbey, 23 anos: [já se apaixonou alguma vez?] “Já, durante o Ensino Médio. Quando estava apaixonada, eu me sentia romântica e segura. Foi muito importante para mim. Quero alguém que tenha coisas em comum comigo. Isso é o mais importante. Para que ele possa entender o meu autismo. Podemos sair com outro casal de autistas. Um encontro de casais! [...] O casal precisa conversar muito, e às vezes é difícil para mim. Tipo, quando eu namorava Garret, ele se interessava por História, e eu não. No autismo parece que existe outra pessoa vivendo dentro da gente”.

Subodh, 33 anos: [qual é o maior sonho da sua vida?] “Ter uma lua de mel”.

Andrew, 27 anos: “eu quero encontrar uma namorada para amar [...] Acho que para mim, seria muito importante encontrar alguém para amar”.

Chloe, 18 anos: “eu quero experimentar o amor. Quero ser como todo mundo, sabe? Só não quero ficar sozinha pelo resto da vida. Vejo tanta gente de mãos dadas, se beijando e fazendo tudo isso. Eu idealizei muita coisa na cabeça e nenhuma delas aconteceu. A vida não é como um filme”.

Dani, 26 anos: [está em busca de um amor?] “Estou, infelizmente é muito difícil encontrar um namorado. Eu me sinto sozinha, estou em uma situação difícil. Muitas pessoas que estão no espectro autista acham que sou inteligente e motivada demais. Já os neurotípicos acham que sou muita esquisita”.

Marx, 30 anos: “Sim, há muito tempo. Sempre estive na minha cabeça e é tão difícil conseguir.

Andrew, 27 anos: “eu quero encontrar uma namorada para amar [...] Acho que para mim, seria muito importante encontrar alguém para amar”.

Kaelynn, 24 anos: [por que quer um amor?] “Acho que se eu tivesse um amor, um namorado, sei lá, poderia ajudar”.

Marcus (idade não informada): “Eu já achei que gostava de homem, uma vez, mas tentei assistir um pouco de pornô gay, e não deu certo. E eu não gostei do que vi. E eu não senti nada. Então sou heterossexual”.

Steven, 63 anos:[Se sente só?] “Nossa, só o tempo todo. Fico muito solitário quando estou sozinho aqui em casa. Conhecer uma mulher gentil, meu Deus seria absolutamente um sonho se tornando realidade”

Ronan, 21 anos: “eu nunca me apaixonei. Sério, tipo, é como o meu próprio destino. Quero muito encontrar uma garota que realmente se importe comigo e me ame. Minha garota dos sonhos seria maravilhosa e esplêndida. Ele teria talentos musicais, tanto quanto eu.”

Correia (2021), em sua pesquisa, evidenciou que para alguns adultos autistas as relações afetivas podem ocupar um lugar de regulador emocional, pois trazem a sensação de aceitação e contribuem para elevar os níveis de sua autoestima. Corroborando com isso, tem-se a descrição em que se percebe a importância acentuada nas relações amorosas e o quanto estar sozinho é algo que causa angústia. O relacionamento apareceu, na maioria dos relatos, como objetivo de vida e destaca-se uma grande expectativa nas relações amorosas, de que elas possam proporcionar cuidado, segurança, carinho e reciprocidade, de forma a sinalizar até mesmo um propósito de idealização para o relacionamento.

Se por um lado, viver em coletividade pode, de fato, trazer novo sentido à vida; por outro, as expectativas românticas engessadas, observadas na cultura ocidental atualmente, podem ser fonte de intenso sofrimento - não somente para as pessoas autistas, mas para todos nós. Promover processos de construção consciente e crítica sobre relacionamentos amorosos e sexuais pode ser uma forma de apoiar o desenvolvimento deste público, de forma que a busca pelo outro não seja de uma dependência emocional; e que a vivência solitária possa ser também vista como uma possibilidade de felicidade, livre do imperativo da obrigação de relacionamento.

Kellaher (2015), em sua análise, salientou que os garotos autistas são mais condescendentes com relação às experiências homoafetivas, o que pode estar atrelado a uma hipótese de que por ter um filho autista as famílias não apresentam expectativas deste sujeito casar e ter filhos. E esses, por sua vez, têm mais oportunidades de analisar a normativa da heterossexualidade e com isso escolher de que forma preferem se relacionar. Nos relatos acima, também se observa garotas que falam abertamente de seus interesses homoafetivos e sem preocupação na normatividade das relações; assim, é possível que não somente os garotos sintam maior liberdade para as relações homoafetivas, mas todos que vivenciam contextos menos repressivos. Neste sentido, podemos questionar se as pessoas foram criadas em ambientes mais abertos ao diálogo em torno da sexualidade e da orientação sexual, elas teriam mais possibilidade de vivenciar uma sexualidade livre.

A pesquisadora diante da experiência clínica com autistas destacou o relato: “Devido a minha sensibilidade tátil, eu não gosto de preliminares e nem toques excessivos. Descobri no sexo casual uma forma de prazer sem ser algo aversivo para mim.”

Observa-se, ainda, a percepção de que exercer sua sexualidade estando em uma relação com outra pessoa, seja difícil de conseguir, especialmente considerando a forma como são vistos pelas outras pessoas. Ottoni (2022) encontrou dados similares na pesquisa com autistas adultos brasileiros, que relatam dificuldades para encontrar alguém, resultando em vivências tardias ou ausência de experiências relacionais, as quais geram imensa frustração.

Os impactos que resultam da forma como a sexualidade da pessoa com autismo é vista e vivida no contexto histórico-cultural podem ser significativos em diversos aspectos, merecendo destaque a preocupação com a saúde mental. Contudo também se faz necessário o caminho dos saberes e fazeres, pois entende-se a necessidade de um ato político cheio de significados, buscando por meio dele contribuir com a emancipação do ser humano.

5.4 Categoria 4: Vitimização de pessoas autistas com relação a comportamentos de risco ou violências

James, 34 anos: Na época do meu diagnóstico, a sociedade não sabia muito sobre a síndrome de Asperger e o autismo, então, infelizmente, era difícil conseguir ajuda. Por mais triste que seja, os alunos zombavam e faziam bullying comigo. Isso certamente afetou minha autoestima.

Tem sido visto como consenso na literatura que pessoas autistas são mais vulneráveis a diversos tipos de violências devido à sociedade não inclusiva e ao fato de que as características do próprio espectro, como dificuldades de percepção social e comunicação, dificultam a dinâmica de compreender-se em situação de risco e de se queixar-se (Ottoni, 2022).

Entre os relatos apresentados nesta categoria, tem-se o sofrimento de estar inserido em um ambiente escolar que não estava preparado para ser inclusivo, pois disseminou desinformação, preconceitos e estigmas. Há uma experiência atravessada por um discurso em que a imagem do autista encontra-se desatualizada, ou seja, não condizente com a realidade. Existe uma comparação feita por pessoas que associam deficiência com incapacidade. Aranha (2001) salientou que a falta de inclusão social gera uma falta de democratização das condições de acesso e com isso a dificuldade em se sentir pertencente a uma classe, um grupo ou cultura.

Dentro da experiência clínica da pesquisadora destaca o relato “Nunca me senti pertencente a minha família, sempre fui apontada como esquisita, meu avô foi o único que me olhou como realmente eu era, mesmo antes de um diagnóstico.”

Otoni (2022), defende a ideia de que Educação Sexual é uma forma de intervenção para as pessoas autistas, pois é uma forma de desconstrução de estereótipos. Isso corrobora com o que vem-se pontuando ao longo do texto.

Destaca-se que em caso de violência, tem-se o Disque Direitos Humanos 100, que funciona todos os dias da semana incluindo sábado, domingo e feriados 24 horas diariamente. Há também uma plataforma digital para receber denúncias, solicitações e pedidos, ele é gratuito, anônimo e seguro.

5.5 Categoria 5: experiências ou ausência de educação sexual e oportunidades de diálogo sobre sexualidade

Jayden, 25 anos, discorre sobre sua orientação sexual: “gay? na verdade, sou bissexual. Eu percebi na metade da minha adolescência, creio eu. E meu irmão (autista) é gay, então fomos criados em um ambiente onde nada nos foi imposto, onde podíamos ser tão livres quanto possível, e sem a estigmatização de qualquer coisa fora do comum, acho que se desenvolveu de forma saudável”.

Daniel, 23 anos: “acho que foi um pouco diferente para mim, porque cresci em uma área bem isolada, e a religião era realmente muito importante. Fomos ensinados sobre inferno e tal, como os gays vão para o inferno, e isso numa escola pública. No ensino fundamental. Eu me lembro de ter muito medo. Meu Deus, eu vou para o inferno, mas eu lia a Bíblia, quando estava no ensino médio. Não fiquei particularmente impressionado”.

Identifica-se, nestes relatos, dois tipos de ambientes familiares: um que estava aberto ao desenvolvimento da sexualidade de forma que as pessoas se sentissem livres para viver e descobrir; e outro ambiente, que por meio de mecanismos repressores, trouxe significativos malefícios. Neste segundo ambiente familiar, em que se tem uma educação sexual conduzida com rigidez, houve ainda reprodução de padrão também no ambiente escolar. Neste caso, a escola e família compartilhavam da mesma concepção normatizadora e opressiva, em que os ensinamentos não eram pautados pela ciência e sim na religião. Lopes et al. (2018) destacou em seus dados a questão da educação na escola conduzida de forma biologizante, ou seja, voltada para aspectos puramente informativos, como métodos contraceptivos, reprodução e prevenção de infecções sexualmente transmissíveis, a autora não trouxe a questão religiosa permeando o ambiente escolar.

Defende-se que a Educação Sexual no ambiente escolar seja um programa interventivo respeitoso e inclusivo. Em que se tenha pautas reflexivas sobre as normatividades acerca da sexualidade para que o público que se destina possa escolher os conteúdos a serem abordados durante o processo educativo.

Otoni (2002) enfatiza que os diálogos em torno da sexualidade devem ser pautados na elaboração de programas voltados a considerarem as particularidades e necessidades dos sujeitos com TEA, adequando a linguagem para que esta possa ser clara e direta. Os possíveis recursos utilizados devem ser tangíveis, visuais e concretos. Por terem dificuldades nas interações sociais, adultos autistas podem buscar respostas para as questões sexuais, por meio da internet ou pornografia.

Os dados mensurados nesta pesquisa corroboram com isso, pois as pessoas autistas buscam esclarecimentos sobre suas questões sexuais em fontes que não são confiáveis.

A ideia aqui não é condenar a pornografia, mas incentivar que este tema seja discutido nos grupos de educação sexual para desmistificar certos dogmas que envolve essa temática cultural. Considerando-se que podemos ter autista que não tiveram uma base consolidada sobre educação sexual, e que eles possam utilizar-se de pornografia com material para suas dúvidas e esclarecimentos vindo gerar ideias errôneas sobre sexualidade. Outra questão que é importante explicar é o uso da internet. O autista tem dificuldades de interação, a internet é um meio de interação que proporciona certa segurança, pois pode ser acessada de qualquer ambiente. Então o indivíduo com TEA estará na segurança de sua casa e ficará mais à vontade em buscar essas interações e informações por meio deste canal, assim como as pessoas típicas que de alguma forma possam ser mais introvertidas.

5.6 Categoria 6: Aspectos do autismo que influenciam a vivência de sexualidade

Michael, 26 anos: “As mulheres não querem se casar com homens que moram com os pais, porque é meio constrangedor. Estou há quatro anos de fazer 30. Eu venho me sentindo como se ainda fosse um garoto, porque um garoto precisa de seus pais como companhia. Um homem precisa de uma esposa”.

Chloe, 18 anos: “Quando digo que sou autista, eles dizem: Sério? Mentira. Você não parece autista. E eu pergunto: "Como é uma pessoa autista?”.

Abbey, 23 anos: “Aliás, por causa do autismo, sinto que não sou humana. Não sei, mas me sinto igual à Ariel, de A Pequena Sereia. Quando não consigo falar, me sinto como a Ariel. Tipo, eu sonho em ser neurotípica e a Ariel, em ser humana. Quando ela vira humana, ela não pode falar. É como me sinto”.

James, 34 anos: “eu fiz contas em diversos apps de relacionamento. Dei match com algumas mulheres, mas nenhuma aceitou me encontrar pessoalmente, por mais triste que pareça.”

Steven, 63 anos - [com quantos anos foi diagnosticado?] “Não faz muito tempo, cerca de dois anos [...] eu passei minha vida inteira solteiro”.. [O que sentiu ao descobrir sua neurodiversidade?] “Durante toda a minha vida, no fundo, eu sempre soube que não me encaixava. Eu sabia que algo era diferente, dentro do meu cérebro. Eu tenho medo de não conhecer ninguém e ficar só. Este negócio de solidão não é para mim.

James, 34 anos: Eu ficava muito nervoso quando estava cercado por muita gente ou passava mais tempo fora de casa, mas, com treinamento, eu superei isso.

Chloe (18 anos) - Você já foi em um encontro? “Eu já saí com um cara e quando contei que eu era autista, ele me deixou, porque não queria ser visto com uma pessoa autista”.

Kaelynn, 24 anos - Para você qual é a pior coisa de ser autista? “Acho que o isolamento que vem com isso. Tenho dificuldades em fazer conexões genuínas com as pessoas, porque o fato de não conseguir interpretar linguagem corporal e expressões faciais... às vezes falamos demais, outras não o bastante, ou não demonstrarmos interesse, e aí já se presume que eu não estou interessado ou não gosto dela.

Salienta-se, por meio dos relatos da categoria 6, diversas dificuldades que as pessoas autistas apresentam para conseguir um encontro sexual ou um relacionamento romântico. Tal

fenômeno leva à reflexão de que, mesmo com acesso a diagnóstico precoce e intervenções ao longo do desenvolvimento, há habilidades, dificuldades e desafios que permanecem ao longo do ciclo vital das pessoas com TEA. Ortega (2008) evidenciou a problemática do risco em definir a pessoa autista por seus traços patológicos e, assim, não valorizar as possibilidades de uma construção subjetiva. Essa construção é a parte essencial do trabalho de profissionais que se comprometem a apoiar a melhor qualidade de vida desta pessoa.

Percebe-se, ainda, que o diagnóstico pode ser libertador, mesmo quando tardio, pois traz respostas e com isso a pessoa pode ressignificar seu posicionamento diante da vida, compreendendo que as suas dificuldades (como ter alguém, por exemplo) não estão atreladas apenas à responsabilidade individual, e sim às características típicas do TEA. Contudo, como pontua Pereira (1996), o diagnóstico não pode ser pautado em práticas normatizadoras e que apreciem a medicalização. É necessário considerar a vida social, cultural e política do sujeito autista, pois esses fatores, quando não reconhecidos, podem gerar exclusão e sofrimento para o indivíduo.

Acredita-se que quando um adulto autista recebe um diagnóstico tardio, a estratégia pode consistir em intervenções grupais em que a abordagem consistirá na discussão e o exercício sobre os déficits comuns a adultos autistas, propondo espaços para a valorização da maneira de ser.

Pode haver uma idealização, de caráter mais egocêntrico, por parte de algumas pessoas autistas de que aqueles com quem irão se relacionar, terão seus interesses voltados exclusivamente para os desejos da pessoa autista, ou seja, haveria uma inflexibilidade em imaginar que as pessoas neurotípicas podem ter interesses outros que não são os mesmos que o do sujeito. Outro ponto possível é não saber separar o sentimento de amor pela família, e a escolha de amar alguém que não tenha laços sanguíneos. E, ainda, tem-se uma projeção de si, ao imaginar que as mulheres ou homens não desejam casar-se com autistas que moram com seus pais. Tafuri e Safra (2008) salientam, em sua pesquisa, que os autistas têm uma inflexibilidade para entender as necessidades de seus parceiros e não sabem como reagir a elas.

Nos relatos, destaca-se a solidão que o autista pode sentir devido ao fato de não se relacionar afetivamente com alguém, e o desejo de mudar esta situação. Entende-se que, para muitos autistas, não é uma escolha, e sim uma consequência de não conseguir se relacionar e não entender as pistas sociais, não se encaixar numa sociedade que não aceita o diferente e, muitas vezes, promove contextos de comparação, discriminação e de opressão. Correia (2021) justificou que um ponto importante e desafiador para o autista é a compreensão das regras sociais, pois quando se está em uma conversação existem sinais verbais e não verbais emitidos,

e que são de difícil compreensão para os autistas.

A pauta em relação ao autismo vem ao longo dos anos ganhando visibilidade, e com isso projetos sociais para as pessoas autistas vêm sendo criados e alguns estão em construção. Segue alguns que estão presentes no Brasil: projeto de “Prevenção e Combate ao Bullying e ao Cyberbullying” tem como principal objetivo de implementar ações que promovam autorreflexão para os (as) estudantes, mudanças de paradigmas e ações para a prevenção e o combate ao Bullying e ao Cyberbullying na Escola. “TEA apresentar Mulher Autista” este projeto ações que possibilitem um processo de autoconhecimento, elevação da autoestima e empoderamento da mulher autista. “TEAmparar” este outro projeto tem o foco de conscientização do público infantojuvenil e de seus familiares para lutarem contra os abusos. Assim, podem sensibilizar as pessoas para que façam o exercício de se colocarem no lugar do outro e de enxergarem por de trás de mitos naturalizados e preconceitos enraizados, ou seja, para de fato conhecerem o TEA. O projeto “Inclusão & Religião” tem como objetivo trabalhar várias esferas sociais sempre respeitando as diferenças culturais, regionais, políticas e de credos. Dessa forma, une várias vertentes religiosas e diversas crenças para levantar por meio de suas designações a bandeira da inclusão das pessoas autistas. E, trabalhar em prol de construir um documento comum sobre TEA que contemple a inclusão das pessoas autistas e suas famílias nos ambientes religiosos. O espaço “Conviver e Aprender com o TEA Nilton Salvador” é um centro especializado de atendimento. Em que se tem como um dos objetivos levar aos pais consciência para saber que o excesso de zelo nunca conduzirá o autista para uma educação que dê bons resultados, e o mesmo ocorre com o descaso. E em construção tem-se o projeto “Eles Crescem- Residências Assistidas”, para que o nosso sonho de uma sociedade inclusiva seja cada dia mais real, o projeto Residências Assistidas foi concebido como um lugar que garantirá a vida plena à pessoa autista. Além de assistencialismo, todos os autistas contarão também com a estrutura física que precisam para ter acesso a todos os seus direitos e deveres como um(a) cidadão(ã), desde o jardim de infância até a terceira idade. O projeto ainda está em fase de escrita, mas a força de vontade e a dedicação de realizá-lo é muito real.

Os exemplos acima não esgotam a realidade dessas iniciativas e projetos que se inserem na intersecção da área da Educação e do campo social; entretanto, fica evidente a necessidade de maior divulgação dos mesmos e dos demais. Note-se que os autores, como Ottoni (2022), Correia (2021) e Lopes et al. (2018), em suas pesquisas, apontam para a importância dos programas de apoio ao desenvolvimento da sexualidade voltados a adultos autistas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vida independente é uma falácia que reforça a ideia de que algumas pessoas são capazes e outras não, quando, na verdade, o que acontece é que algumas pessoas têm suas demandas atendidas e outras não.

(Rita Louzeiro, c2023)

Nesta pesquisa, procurou-se identificar e reconhecer como as relações interpessoais e a sexualidade das pessoas autistas que se voluntariaram para participar do documentário são relatadas e abordadas por elas mesmas, por meio dos recortes selecionados na Categoria 1- Concepções sobre a sexualidade de pessoas autistas, em que se evidenciou esses sujeitos buscam por um relacionamento afetivo permeado de compreensão e respeito. Categoria 2 Questões de sociabilidade e habilidades sociais, percebeu-se que as pessoas autistas se esforçam para estar em sociedade e como para eles esta tarefa pode ser difícil quando se torna unilateral, ou seja, o esforço é só do autista. Foram identificadas as vivências de sexualidade dos adultos autistas na Categoria 3 - Vivências de comportamentos e/ou relações e/ou desejos sexuais/amorosos e foi realizada uma comparação com a literatura científica da área. Neste caso, destacou-se pontos centrais nos relatos analisados, como: a) para alguns adultos com TEA as relações afetivas podem funcionar como reguladores emocionais, b) o namoro ou outras formas de relacionamento afetivo-sexual contribuem para a percepção de aceitação e elevação da autoestima, assim como de ter objetivos de vida, sentir fazer parte de uma relação que tenha reciprocidade, carinho e segurança. Contudo, vale ressaltar que as expectativas em relação às vivências amorosas analisadas na cultura ocidental tendem a gerar sofrimento. Este sofrimento nem sempre é de fácil nomeação para a pessoa autista. Categoria 4 Vitimização de pessoas autistas com relação a comportamentos de risco ou violências, dentro do recorte da falada pessoa autista identificou-se sofrimento durante o período escolar, fase importante na vida dos indivíduos. Categoria 5 experiências ou ausência de educação sexual e oportunidades de diálogo sobre sexualidade, aqui teve-se dois recortes em que se teve uma educação sexual assertiva e a outra não. E o quando não se tem uma educação sexual efetiva o quanto pode ser prejudicial para a formação da pessoa. Categoria 6 Aspectos do autismo que influenciam a vivência de sexualidade, aqui percebeu-se que além das dificuldades adaptativas dos autistas, tem-se a falta de compreensão das pessoas típicas em relação ao autismo, e sem informação gera preconceito, existe uma tendência a hostilizar o que não se entende e o que é diferente.

Tendo em vista o exposto no presente trabalho, faz-se necessário considerar que as formas de buscar e viver o prazer são múltiplas e plurais, e com isto ressalta-se a importância desta multiplicidade estar presente nas discussões sobre sexualidade. A partir da leitura de diversos autores, das categorias selecionadas a partir dos trabalhos de pesquisadores da área, dos recortes das falas dos autistas e da própria escrita deste trabalho, compreende-se que a Educação Sexual de pessoas autistas é uma importante ferramenta na garantia de seus direitos, na diminuição da vitimização para as violências e para fomentar o apoio para vivências mais emancipatórias.

A elaboração de programas voltados para adultos com TEA deve considerar suas particularidades e necessidades, adequando, portanto, a linguagem, para que esta seja mais clara, direta e apresente o uso de recursos visuais e concretos.

Quando o prazer é relacionado à sexualidade a tendência é representá-la como uma expressão pervertida, libertina ou liberal e isso, muitas vezes, acaba sendo um entrave para o incentivo e o desenvolvimento de programas psicossociais e educativos voltados para a temática.

Retomando a perspectiva inicial deste trabalho, bem como a pergunta norteadora da pesquisa (O que dizem adultos autistas sobre sua sexualidade?), após categorizar e analisar os relatos presentes nas versões selecionadas do documentário *Amor no Espectro*, chega-se à conclusão de que as pessoas ouvidas querem, sobretudo, sentir-se inseridas em uma das dimensões mais importantes da vida humana, que é a dos relacionamentos amorosos e interpessoais. Nota-se que a possibilidade de perceber-se fazendo parte dessas vivências têm repercussões diretas para o senso de identidade e para a forma geral como desejam serem vistos e estar inseridos no mundo. Para as pessoas autistas desta pesquisa, o relacionamento é algo norteador, ou seja, faz-se necessário para se ter uma vida mais significativa. A afetividade e o companheirismo que uma relação conjugal pode proporcionar é algo perseguido pelos indivíduos do documentário *Amor no Espectro*.

Você ganha força, coragem e confiança por cada experiência em que você realmente para e olha o medo de frente. Você deve fazer o que pensa que Não pode fazer.

(Eleanor Roosevelt, 2009)

REFERÊNCIAS

- Almeida, R. S. M. (2017). A expressão da sexualidade das pessoas com autismo-Transtorno do Espectro Autístico TEA. *Psicologia.pt- O Portal dos Psicólogos*. [Em linha]. Recuperado do link https://www.psicologia.pt/artigos/ver_opiniao.php?a-expressao-da-sexualidadedas-pessoas-com-autismo-transtorno-do-espectro-autisticotea&codigo=AOP0425.
- Almeida, L. M., & Neves, S.A. (2020). A popularização Diagnóstica do Autismo: uma falsa epidemia? *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40, 1-12. Recuperado <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/11/1128954/a-popularizacao-diagnostica-do-autismo-uma-falsa-epidemia.pdf>.
- Aranha, F. S. M. (2001). Paradigmas da relação da sociedade com as pessoas com deficiência. *Revista do Ministério Público do Trabalho*, 21, 160-173. Recuperado do link <https://claudialopes.psc.br/wp-content/uploads/2021/08/Paradigmas.pdf>
- Amaral, C. E. S. (2009). *O reconhecimento dos pais sobre a sexualidade dos filhos adolescentes com autismo e sua relação com a coparentalidade* [Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre]. Repositório Institucional]. Recuperado de <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/27825>
- American Psychiatric Association. (1952). *Diagnostic And Statistical Manual* (5th ed). Arlington, VA: American Psychiatric Association.
- American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (5th ed.). Washington, DC: American Psychiatric Publishing.
- American Psychiatric Association. (2023). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. DSM-5-TR. (D. Vieira, M. V. Cardoso, & S. M. M. da Rosa, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. (L. A. Reto, & A. Pinheiro, Trad.). Lisboa: Edições 70.
- Brasil. (2015). Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. *Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Linha de Cuidado para a Atenção às Pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo e suas Famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brilhante, V. A., Filgueira, A. M. L., Lopes, U. M. V. S., Vilar, S. B. N., Nóbrega, M. R. L., Pouchain, V. M. J. A., & Sucupira, G. C. L. (2020). “Eu não sou um anjo azul”: A sexualidade na perspectiva de adolescentes autistas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26, 417-423. Recuperado do link <https://www.scielo.org/article/csc/2021.v26n2/417-423>.
- Correia, F. R. M. (2021). *Relações amorosas e íntimas em adolescentes e adultos com perturbação do espectro do autismo* [Dissertação de Mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal]. Repositório Institucional. Recuperado do link https://recil.ensinulusofona.pt/bitstream/10437/12790/1/VF_CORREIA_MARIANA_M

PCS_2021_1DE1.pdf.

- Ferreira, M., & Nelas, B. P. Adolescência...Adolescentes...*Millenium.*, 32, 141-162.
Recuperado de
https://www.researchgate.net/publication/277166024_Adolescencias_Adolescentes
- Gil, C. A. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Gomes, M. M. (2014). *O orientador educacional o mediador escolar e a inclusão: um caminho em construção*. Rio de Janeiro: Wak.
- Green, A. (2000). *As cadeias de Eros*. Lisboa: Climepsi.
- Holmes, G. L., Himle, B. M., & Strassberg, S. D. (2015). Parental romantic expectations and parent-child sexual communication in autism spectrum disorders. *Sage Journals*, 20, 1-13. Recuperado do link <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26408632/>.
- Jerusalinsky, A. (2015). Detecção precoce de sofrimento e psicopatologia na primeira infância: a desobediência dos bebês aos critérios nosográficos deve ser considerada. In M. Kamers, M. R. M. Mariotto (Orgs.), *Por uma (nova) Psicopatologia da Infância e da Adolescência* (pp. 103-116). Rio de Janeiro: Ed. Escuta.
- Kellaher, C. D. (2015). Sexual behavior and autism spectrum disorders: an update and discussion. *Current Psychiatry Reports*, 17, 1-8. Recuperado de <https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs11920-015-0562-4#citeas>
- Lopes, U. M. V. S., Vilar, S. B. N., Veríssimo, P., Sucupira, G. C. L., Nóbrega, M. R. L., & Brillhante, V. A. (2018). Transtorno do espectro autista e sexualidade. *Investigação Qualitativa em Saúde*, 2, 1175- 1180. Recuperado do link <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2018/article/view/1893>.
- Lorde, A. (c2024). *Eu não sou livre enquanto alguma mulher...* [Pensador]. Recuperado de <https://www.pensador.com/frase/MjUxMjIxNg/>
- Louzeiro, R. (c2023). Greve dos caminhoneiros, deficiência e a falácia de uma vida independente [Associação Brasileira para Ação por Direito das Pessoas Autistas]. Recuperado de <https://abraca.net.br/greve-dos-caminhoneiros-deficiencia-e-a-falacia-de-uma-vida-independente-opiniaio-rita-louzeiro/>
- Maia, A. C. B. (2010). Conceito amplo de Sexualidade no processo de Educação Sexual. *Revista Psicopedagogia online - Educação & Saúde*, v. 1. Recuperado de http://www.psicopedagogia.com.br/new1_artigo.asp?entrID=1303.
- Menezes, C. L. (2008). Sexualidade e pós-modernidade. *Ide.*, 31, 44-47. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062008000200007
- Ortega, F. (2008). O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade. *Mana*, 14 (2), 1-33. Recuperado do link <https://www.scielo.br/j/mana/a/TYX864xpHchch6CmX3CpxSG/>
- Otoni, V. C. A., & Maia, B. C. A. (2019). Considerações sobre sexualidade e educação

sexual de pessoas com transtorno do espectro autista. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 14, 1265-1283. Recuperado do link <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12575>.

Otoni, V. C. A. (2022). *Sexualidade, autismo e vida adulta: Contribuições para educação sexual* [Tese de Doutorado]. Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” Faculdade de Ciências, Bauru, São Paulo, Brasil]. Repositório Institucional. Recuperado do link <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/217663>.

Organização Mundial de Saúde. (2019). Guia de implementação ou transição da CID-11. Genebra: OMS. Recuperado de https://icd.who.int/docs/ICD-11%20Implementation%20or%20Transition%20Guide_v105.pdf
» https://icd.who.int/docs/ICD-11%20Implementation%20or%20Transition%20Guide_v105.pdf

Pereira, C. E. M. (1996). Questões preliminares para um debate entre a psicanálise e a psiquiatria no campo da psicopatologia. In s. F. L. C. Silva (Org.), *Pesquisa em Psicanálise* (pp. 43-54). Belo Horizonte: Segrac.

Roosevelt, E. (2009). *You Learn by Living: Eleven Keys for a More Fulfilling Life* [Pensador]. Recuperado de <https://www.pensador.com/frase/NTcxODc0/>

Solomon. A. (2013). *Longe da árvore: pais, filhos e a busca da identidade*. São Paulo: Companhia das letras.

Tafuri, I. M., & Safra, G. (2008). Extrair sentido, traduzir, interpretar: um paradigma na clínica psicanalítica com a criança autista. *Psychê*, 12. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382008000200009

Tilio, R. (2017). Transtorno do espectro autista e sexualidade: Um relato de caso na perspectiva do cuidador. *Psicologia, Conocimiento y Sociedad*, 7, 36-58. Recuperado de <http://www.scielo.edu.uy/pdf/pcs/v7n1/1688-7026-pcs-7-01-00036.pdf>

Warrier, V., Greenberg, M. D., Weir, E., Buckingham, C., Smith, P., Lai, C. M., Allison, C., & Cohen, B. S. (2020). Elevated rates of autism, other neurodevelopmental and psychiatric diagnoses, and autistic traits in transgender and gender-diverse individuals. *Nature Communications*, 11, 1-12. Recuperado do link <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32770077/>

Williams, D. (2012). *Meu mundo misterioso: testemunho excepcional de um jovem autista*. Brasília: Thesaurus.

APÊNDICES

APÊNDICE 1: Quadro com transcrição dos trechos selecionados do documentário

Michael (26 anos)

“Vou continuar minha busca pelo amor verdadeiro. Não suporto a ideia de ser solteiro a vida toda, porque é solitária, é chata, e também não é satisfatório. E faz você sentir que não tem um propósito. Não consigo me ver sem uma esposa. “O que você acha de morar com sua família? “Não gosto tanto assim” “Por que não?” As mulheres não querem se casar com homens que moram com os pais, porque é meio constrangedor”. “Como assim?” “Estou a quatro anos de fazer 30”. Eu venho me sentindo como se ainda fosse um garoto, porque um garoto precisa de seus pais como companhia. Um homem precisa de uma esposa”.

Chloe (18 anos)

“Você já foi em um encontro”? “Eu já saí com um cara e quando contei que eu era autista, ele me deixou, porque não queria ser visto com uma pessoa autista.

Chloe é questionada sobre a condição de estar no espectro. “Quando digo que sou autista, eles dizem: Sério? Mentira. Você não parece autista. E eu pergunto: Como é uma pessoa autista? Eu quero experimentar o amor. Quero ser como todo mundo, sabe? Só não quero ficar sozinha pelo resto da vida. Vejo tanta gente de mãos dadas, se beijando e fazendo tudo isso. Eu idealizava muita coisa na cabeça e nenhuma delas aconteceu. A vida não é como um filme ``.

Teodora (22 anos)

Teodora relata estar procurando alguém que queira estar ao seu lado: “Estou procurando quem ria comigo. Ou segure minha mão e diga: Eu estou aqui para cuidar de você”. E não acha difícil que isso aconteça pelo fato dela estar no espectro: “Se o Donald Trump tem uma parceira, e ele é tão esquisito, qualquer um pode ter um relacionamento. Eu tenho sido mais atraída por garotas e mulheres. Eu estava olhando as garotas na rua e pensando. Elas são atraentes! Nossa, que sexy!”.

Jayden (25 anos)

Ele define o amor como “a droga mais poderosa, e sinto que é a força mais caótica no cosmos”. “Gay? Na verdade, sou bissexual. Eu percebi na metade da minha adolescência, creio eu. E meu irmão (autista) é gay, então fomos criados em um ambiente onde nada nos foi imposto, onde podíamos ser tão livres quanto possível, e sem a estigmatização de qualquer coisa fora do comum, acho que se desenvolveu de forma saudável”.

Daniel (23 anos)

Daniel apresenta seu relato “Acho que foi um pouco diferente para mim, porque cresci em uma área bem isolada, e a religião era realmente muito importante. Fomos ensinados sobre inferno e tal, como os gays vão para o inferno, e isso numa escola pública. No ensino fundamental. Eu me lembro de ter muito medo. Meu Deus, eu vou para o inferno, mas eu lia a Bíblia, quando estava no ensino médio. Não fiquei particularmente impressionado”.

Abbey, (23 anos)

Está no espectro autista? “Sim, aliás, por causa do autismo, sinto que não sou humana”. Como assim?” Não sei, mas me sinto igual à Ariel, de A Pequena Sereia. Quando não consigo falar, me sinto como a Ariel. Tipo, eu sonho em ser neurotípica e a Ariel, em ser humana. Quando ela vira humana, ela não pode falar. É como me sinto”.

Está em busca do amor, Abbey? “Sim, porque quero ser uma princesa como a Cinderela indo ao baile”. Já se apaixonou alguma vez? “Já, durante o Ensino Médio. Quando estava apaixonada, eu me sentia romântica e segura. Foi muito importante para mim. Quero alguém que tenha coisas em comum comigo. Isso é o mais importante. Para que ele possa entender o meu autismo. Podemos sair com outro casal de autistas. Um encontro de casais!”. O que é mais difícil em um namoro? “O casal precisa conversar muito, e às vezes é difícil para mim. Tipo, quando eu namorava Garret, ele se interessava por História, e eu não. No autismo parece que existe outra pessoa vivendo dentro da gente”.

James, 34 anos

James relata que: tenho Síndrome de Asperger, mas não deixo que me limite. Isso não me define. E sim, estou em busca do amor. Quero encontrar uma parceira, uma alma gêmea com quem eu posso dividir a vida. Na época do meu diagnóstico, a sociedade não sabia muito sobre a síndrome de Asperger e o autismo, então, infelizmente, era difícil conseguir ajuda. Por mais triste que seja, os alunos zombavam e faziam bullying comigo. Isso certamente afetou minha autoestima. Eu ficava muito nervoso quando estava cercado por muita gente ou passava mais tempo fora de casa, mas, com treinamento, eu superei isso. Hoje em dia sou mais autoconfiante. Eu fiz contas em diversos apps de relacionamento. Dei match com algumas mulheres, mas nenhuma aceitou me encontrar pessoalmente, por mais triste que pareça.

Jennifer Cook (35 anos)

O especialista em autismo relatou que: “Eu fui diagnosticada no espectro há cerca de dez anos, e isso me fez entender muita coisa. O autismo é uma compilação de uma série de comportamentos, desafios e aptidões, mas todos temos sensibilidades sensoriais e dificuldades em comunicação verbal, mas garanto que o que sentimos muitas vezes não combina com o que demonstramos. Todos no espectro são diferentes e precisam de cuidados específicos. Alguns têm deficiência intelectual e transtorno de aprendizagem, outros têm um QI de gênio, outros têm os dois ao mesmo tempo, mas no fim das contas todos buscam a mesma coisa, respeito, compreensão e muito amor”.

Kaelynn (24 anos)

Por que quer um amor? “Eu não quero morrer sozinha. Conviver com as pessoas é desgastante, mas não gosto de ficar só. Então acho que se eu tivesse um amor, um namorado, sei lá, poderia ajudar. Tenho todos os transtornos de aprendizagem que puder imaginar: dislexia, discalculia, disgrafia, TDAH e autismo. Eles afetam diversos aspectos da minha vida. Na educação, trabalho, vida familiar, tudo é afetado”. Para você qual é a pior coisa de ser autista? “Acho que o isolamento que vem com isso. Tenho dificuldades em fazer conexões genuínas com as pessoas, porque o fato de não conseguir interpretar linguagem corporal e expressões faciais. Às vezes falamos demais, outras não o bastante, ou não demonstramos interesse, e aí já se presume que eu não estou

interessado ou não gosto dela.

Steven (63 anos)

Com quantos anos foi diagnosticado? “Não faz muito tempo, cerca de dois anos”. Há quanto tempo está solteiro? “Minha nossa, eu passei minha vida inteira solteiro”. Se sente só? “Nossa, só o tempo todo. Fico muito solitário quando estou sozinho aqui em casa. Conhecer uma mulher gentil, meu Deus seria absolutamente um sonho se tornando realidade”. Já pensou em usar os apps de namoro? “Se alguém, como a minha assistente pessoal estiver comigo, e me mostrasse como mexer no computador, aí eu não teria problema, mas sozinho eu não consigo”. O que sentiu ao descobrir sua neurodiversidade? “Durante toda a minha vida, no fundo, eu sempre soube que não me encaixava. Eu sabia que algo era diferente, dentro do meu cérebro. Eu tenho medo de não conhecer ninguém e ficar só. Este negócio de solidão não é para mim.

Olivia de 25 anos

Olivia discorre de como é o autismo para ela: é como estar em uma caixa transparente. Ninguém te escuta, eles te veem, mas não interage com você. Você pode bater na parede, mas não pode sair, então é muito solitário ficar na caixa a vida toda. Porque ninguém pode entrar e você não pode sair, e ninguém pode te entender”.

Kelvin (21 anos)

Ele responde à pergunta sobre a dificuldade de os autistas encontrarem um relacionamento: “Em alguns casos. Algumas garotas não querem namorar alguém com uma deficiência”.

Dani (26 anos)

Está em busca de um amor, Dani? “Estou, infelizmente é muito difícil encontrar um namorado. Eu me sinto sozinha, estou em uma situação difícil. Muitas pessoas que estão no espectro autista acham que sou inteligente e motivada demais. Já os neurotípicos

acham que sou muita esquisita”.

Subodh, 33 anos

Subodh relatou que aos cinco anos teve o diagnóstico de autista. Está em busca do amor? “ Sim, estou em busca do amor”. Qual é o maior sonho da sua vida? “Ter uma lua de mel”. Para onde você iria? “Quero ir para Europa, Ásia, para as Américas, ou América do Sul e Austrália.

Rosie (26 anos)

O Repórter pergunta para Rosie, “quando soube que gostava de garotas”? “Acho que eu sempre soube, mas era estranho porque eu achava que todos eram assim, então não dizia nada”.

Marx (30 anos)

Marx relata que ter um relacionamento sempre foi um anseio presente para ele: “Sim, há muito tempo. Sempre esteve na minha cabeça e é tão difícil conseguir..

Andrew (27 anos)

O Repórter pergunta qual a importância de achar alguém especial, numa escala de um a dez: “Acho que dez, na verdade”, “Eu quero encontrar uma namorada para amar”, “Acho que para mim, seria muito importante encontrar alguém para amar”.

Ronan (21 anos)

“Eu nunca me apaixonei. Sério, tipo, é como o meu próprio destino. Quero muito encontrar uma garota que realmente se importe comigo e me ame. Minha garota dos sonhos seria maravilhosa e esplêndida. Ele teria talentos musicais, tanto quanto eu.

Kassandra (27 anos)

“Você já se apaixonou? “Não sei. Sei que amo minha família. Sei que amo meus amigos, mas não sei ainda o que é o amor íntimo”. “Eu acho que sou o que uma amiga minha falou “panromântica”. Sou emocionalmente atraída por pessoas, não necessariamente por gêneros”.

Marcus

Responde uma pergunta sobre interesse por algum tipo específico de pessoa. “Eu já achei que gostava de homem, uma vez, mas tentei assistir um pouco de pornô gay, e não deu certo. E eu não gostei do que vi. E eu não senti nada. Então sou heterossexual”.

APÊNDICE 2: Quadro com referências bibliográficas selecionadas para este estudo

- Almeida, R. S. M. (2017). A expressão da sexualidade das pessoas com autismo- Transtorno do Espectro Autístico TEA. *Psicologia.pt- O Portal dos Psicólogos*. [Em linha]. Recuperado do link https://www.psicologia.pt/artigos/ver_opiniao.php?a-expressao-da-sexualidadedas-pessoas-com-autismo-transtorno-do-espectro-autisticotea&codigo=AOP0425.
- Almeida, L. M., & Neves, S.A. (2020). A popularização Diagnóstica do Autismo: uma falsa epidemia? *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40, 1-12. Recuperado <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/11/1128954/a-popularizacao-diagnostica-do-autismo-uma-falsa-epidemia.pdf>.
- Aranha, F. S. M. (2001). Paradigmas da relação da sociedade com as pessoas com deficiência. *Revista do Ministério Público do Trabalho*, 21, 160-173. Recuperado do link <https://claudialopes.psc.br/wp-content/uploads/2021/08/Paradigmas.pdf>
- Amaral, C. E. S. (2009). *O reconhecimento dos pais sobre a sexualidade dos filhos adolescentes com autismo e sua relação com a coparentalidade* [Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre]. Repositório Institucional]. Recuperado de <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/27825>
- American Psychiatric Association. (1952). *Diagnostic And Statistical Manual* (5th ed). Arlington, VA: American Psychiatric Association.
- American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (5th ed.). Washington, DC: American Psychiatric Publishing.
- American Psychiatric Association. (2023). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. DSM-5-TR*. (D. Vieira, M. V. Cardoso, & S. M. M. da Rosa, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. (L. A. Reto, & A. Pinheiro, Trad.). Lisboa: Edições 70.
- Brasil. (2015). Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. *Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Linha de Cuidado para a Atenção às Pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo e suas Famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brilhante, V. A., Filgueira, A. M. L., Lopes, U. M. V. S., Vilar, S. B. N., Nóbrega, M. R. L., Pouchain, V. M. J. A., & Sucupira, G. C. L. (2020). “Eu não sou um anjo azul”: A sexualidade na perspectiva de adolescentes autistas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26, 417-423. Recuperado do link <https://www.scielo.org/article/csc/2021.v26n2/417-423>.

- Correia, F. R. M. (2021). *Relações amorosas e íntimas em adolescentes e adultos com perturbação do espectro do autismo* [Dissertação de Mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal]. Repositório Institucional. Recuperado do link https://recil.ensinolusofona.pt/bitstream/10437/12790/1/VF_CORREIA_MARIA_NA_M_PCS_2021_1DE1.pdf.
- Ferreira, M., & Nelas, B. P. Adolescência...Adolescentes...*Millenium.*, 32, 141-162. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/277166024_Adolescencias_Adolescentes
- Gil, C. A. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Gomes, M. M. (2014). *O orientador educacional o mediador escolar e a inclusão: um caminho em construção*. Rio de Janeiro: Wak.
- Green, A. (2000). *As cadeias de Eros*. Lisboa: Climepsi.
- Holmes, G. L., Himle, B. M., & Strassberg, S. D. (2015). Parental romantic expectations and parent-child sexual communication in autism spectrum disorders. *Sage Journals*, 20, 1-13. Recuperado do link <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26408632/>.
- Jerusalinsky, A. (2015). Detecção precoce de sofrimento e psicopatologia na primeira infância: a desobediência dos bebês aos critérios nosográficos deve ser considerada. In M. Kamers, M. R. M. Mariotto (Orgs.), *Por uma (nova) Psicopatologia da Infância e da Adolescência* (pp. 103-116). Rio de Janeiro: Ed. Escuta.
- Kellaher, C. D. (2015). Sexual behavior and autism spectrum disorders: an update and discussion. *Current Psychiatry Reports*, 17, 1-8. Recuperado de <https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs11920-015-0562-4#citeas>
- Lopes, U. M. V. S., Vilar, S. B. N., Veríssimo, P., Sucupira, G. C. L., Nóbrega, M. R. L., & Brilhante, V. A. (2018). Transtorno do espectro autista e sexualidade. *Investigação Qualitativa em Saúde*, 2, 1175- 1180. Recuperado do link <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2018/article/view/1893>.
- Lorde, A. (c2024). *Eu não sou livre enquanto alguma mulher...* [Pensador]. Recuperado de <https://www.pensador.com/frase/MjUxMjIxNg/>
- Louzeiro, R. (c2023). Greve dos caminhoneiros, deficiência e a falácia de uma vida independente [Associação Brasileira para Ação por Direito das Pessoas Autistas]. Recuperado de <https://abraca.net.br/greve-dos-caminhoneiros-deficiencia-e-a-falacia-de-uma-vida-independente-opiniao-rita-louzeiro/>
- Maia, A. C. B. (2010). Conceito amplo de Sexualidade no processo de Educação Sexual. *Revista Psicopedagogia online - Educação & Saúde*, v. 1. Recuperado de http://www.psicopedagogia.com.br/new1_artigo.asp?entrID=1303.

- Menezes, C. L. (2008). Sexualidade e pós-modernidade. *Ide.*, 31, 44-47. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062008000200007
- Ortega, F. (2008). O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade. *Mana*, 14 (2), 1-33. Recuperado do link <https://www.scielo.br/j/mana/a/TYX864xpHchch6CmX3CpxSG/>
- Otoni, V. C. A., & Maia, B. C. A. (2019). Considerações sobre sexualidade e educação sexual de pessoas com transtorno do espectro autista. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 14, 1265-1283. Recuperado do link <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12575>.
- Otoni, V. C. A. (2022). *Sexualidade, autismo e vida adulta: Contribuições para educação sexual* [Tese de Doutorado]. Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” Faculdade de Ciências, Bauru, São Paulo, Brasil]. Repositório Institucional. Recuperado do link <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/217663>.
- Organização Mundial de Saúde. (2019). Guia de implementação ou transição da CID-11. Genebra: OMS. Recuperado de https://icd.who.int/docs/ICD-11%20Implementation%20or%20Transition%20Guide_v105.pdf
» https://icd.who.int/docs/ICD-11%20Implementation%20or%20Transition%20Guide_v105.pdf
- Pereira, C. E. M. (1996). Questões preliminares para um debate entre a psicanálise e a psiquiatria no campo da psicopatologia. In s. F. L. C. Silva (Org.), *Pesquisa em Psicanálise* (pp. 43-54). Belo Horizonte: Segrac.
- Roosevelt, E. (2009). *You Learn by Living: Eleven Keys for a More Fulfilling Life* [Pensador]. Recuperado de <https://www.pensador.com/frase/NTcxODc0/>
- Solomon. A. (2013). *Longe da árvore: pais, filhos e a busca da identidade*. São Paulo: Companhia das letras.
- Tafari, I. M., & Safra, G. (2008). Extrair sentido, traduzir, interpretar: um paradigma na clínica psicanalítica com a criança autista. *Psychê*, 12. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382008000200009
- Tilio, R. (2017). Transtorno do espectro autista e sexualidade: Um relato de caso na perspectiva do cuidador. *Psicologia, Conocimiento y Sociedad*, 7, 36-58. Recuperado de <http://www.scielo.edu.uy/pdf/pcs/v7n1/1688-7026-pcs-7-01-00036.pdf>
- Warrier, V., Greenberg, M. D., Weir, E., Buckingham, C., Smith, P., Lai, C. M., Allison, C., & Cohen, B. S. (2020). Elevated rates of autism, other neurodevelopmental and psychiatric diagnoses, and autistic traits in transgender

and gender- diverse individuals. *Nature Communications*, 11, 1-12. Recuperado do link <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32770077/>

Williams, D. (2012). *Meu mundo misterioso: testemunho excepcional de um jovem autista*. Brasília: Thesaurus.